

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DO MOVIMENTO
HUMANO**

ANDRESSA VIEIRA ALLET

**PROGRAMA ESPORTE INTEGRAL E O FUTEBOL CALLEJERO: A
TRAJETÓRIA DE MULHERES EM UM PROJETO SOCIAL ESPORTIVO E
DE LAZER NO MUNICÍPIO DE SÃO LEOPOLDO/RS**

PORTO ALEGRE

2023

ANDRESSA VIEIRA ALLET

**PROGRAMA ESPORTE INTEGRAL E O FUTEBOL CALLEJERO: A
TRAJETÓRIA DE MULHERES EM UM PROJETO SOCIAL ESPORTIVO E
DE LAZER NO MUNICÍPIO DE SÃO LEOPOLDO/RS**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Ciências do Movimento Humano, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Raquel da Silveira

PORTO ALEGRE

2023

CIP - Catalogação na Publicação

VIEIRA ALLET, ANDRESSA
PROGRAMA ESPORTE INTEGRAL E O FUTEBOL CALLEJERO: A
TRAJETÓRIA DE MULHERES EM UM PROJETO SOCIAL ESPORTIVO
E DE LAZER NO MUNICÍPIO DE SÃO LEOPOLDO/RS / ANDRESSA
VIEIRA ALLET. -- 2023.
148 f.
Orientador: Raquel da Silveira.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Escola de Educação Física, Programa
de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano,
Porto Alegre, BR-RS, 2023.

1. Mulheres. 2. Futebol Callejero. 3. Futebol. 4.
Gênero. 5. Projeto Social Esportivo. I. Silveira,
Raquel da, orient. II. Título.

ANDRESSA VIEIRA ALLET

**PROGRAMA ESPORTE INTEGRAL E O FUTEBOL CALLEJERO: A
TRAJETÓRIA DE MULHERES EM UM PROJETO SOCIAL ESPORTIVO E
DE LAZER NO MUNICÍPIO DE SÃO LEOPOLDO/RS**

Conceito Final _____

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Mauro Myskiw (UFRGS)

Profª Dra. Silvana Vilodre Goellner (UFPeI)

Prof. Dr. Cláudio Augusto Silva Gutierrez (Unisinós)

Porto Alegre, 24 de novembro de 2023.

AGRADECIMENTOS

Nesse momento, passa um filme na cabeça, lembranças desse período de mestrado, onde algumas pessoas e situações foram cruciais para que conseguisse chegar até aqui. Houve muita amizade, compreensão, carinho e muita, mas muita parceira mesmo. Sou muito feliz e grata pelas pessoas que fazem parte da minha trajetória de vida. Digo fazem, pois mesmo os que já não se encontram mais presentes aqui na terra, seguindo seus caminhos em outro plano, como minha mãe Rejane e meu pai Vinicius, estão sempre presentes em meu coração e com certeza são cruciais para eu chegar até aqui, pois sempre penso neles como exemplo de amor, luta e motivação. À Deus agradeço por ter compreendido o que é o amor a partir deles, e agradeço também, por permitir que eu esteja vivendo tudo isso nesse momento.

À minha companheira de vida, ao meu amor, uma mulher incrível que se chama Vânia, agradeço por tudo! Pelas palavras, pelo apoio, amor, compreensão, tempo dedicado junto a mim nos vários momentos de estudos, pelos abraços longos e confortantes, pelo teu sorriso largo e astral tão iluminado e vibrante. Pela paz que é estar contigo, mesmo em meio à turbulências, meu muito obrigada! Aos nossos amores e filhos de estimação, nossos gatos e cachorros, que tanto nos enchem de carinho e de amor iluminando ainda mais nosso dia, o meu muito obrigada!

Ao PEI/Unisinos, onde desde 2011 vivo muitas adrenalinas, aprendizados e emoções exercendo minha profissão. Que lugar incrível, feito por pessoas incríveis. Muitas amigadas se constituíram nesse período. À todo mundo que já passou pelo PEI, com certeza contribuiu para a pessoa e profissional que sou hoje; Aos meus colegas/amigos atuais do PEI, sem a parceria de vocês, seria mais desafiador, agradeço de coração por tudo! Ao Augusto pela parceria de sempre, pelo exemplo e pela grande referência que é enquanto pessoa e profissional. Ao Tobias, meu compadre, pela parceria, dedicação e por sempre estar disposto a me ouvir e me ajudar. À Ana, pela criatividade, disponibilidade, sempre pensando em como ajudar as pessoas. À Tati, pela parceria, por me ouvir e estar sempre disponível para ajudar no que for preciso. Gente, muito obrigada! Agradeço à professora Suzana e ao professor Lauro por prontamente aceitarem a participar desse estudo e dedicarem parte de seu tempo para isso. As gurias do PEI, ah, sem a participação delas nada disso seria possível, suas histórias, suas emoções, suas dedicações e disponibilidade em participar desse estudo, foram imprescindíveis nesse processo, quanto carinho tenho por vocês! O meu muito

obrigada! Falando em amizades e parcerias, não posso deixar de mencionar e agradecer à minha amiga/irmã Hilde, que sempre me ajudou e ajuda, de todas as formas possíveis.

Às colegas e aos colegas do GESEF/UFRGS, o meu muito obrigada pela acolhida, pelas leituras e contribuições que com certeza me ajudaram muito nesse processo. Aos colegas Bruna e João que muito me auxiliaram também. À minha colega e hoje amiga Carol, que ao entrarmos juntas no mestrado, sempre me ouviu, me acolheu e me ajudou. Muito aprendi/aprendo contigo, o meu muito obrigada! À minha orientadora, a Professora Raquel, agradeço de coração por tudo! Por me receber junto ao mestrado, oportunidade muito almejada por mim. Pela dedicação, pelo carinho, comprometimento, por todo aprendizado que tive e tenho contigo, que foram muitos! Sempre lembrarei de ti com muito carinho, como uma das pessoas especiais em minha vida. Por tudo isso e mais, meu muito obrigada!

RESUMO

PROGRAMA ESPORTE INTEGRAL E O FUTEBOL CALLEJERO: A TRAJETÓRIA DE MULHERES EM UM PROJETO SOCIAL ESPORTIVO E DE LAZER NO MUNICÍPIO DE SÃO LEOPOLDO/RS

Autora: Andressa Vieira Allet

Orientadora: Prof^ª Dra. Raquel da Silveira

O Futebol Callejero é uma prática com uma proposta de transformação social que propõe resgatar os valores humanos, onde meninas e meninos jogam juntos, não existe árbitro e sim um (a) mediador (a) que auxilia no processo de diálogo, resolução de conflitos e na construção coletiva das regras do jogo. O PEI (Programa Esporte Integral) é um projeto social esportivo e de lazer, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos, que tem o objetivo de formação cidadã através do esporte, e que atende crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social do município de São Leopoldo/RS. Diante disso, essa dissertação busca compreender como as mulheres ex participantes (ex educadoras e ex educandas) do PEI construíram suas trajetórias nesse local e no Futebol Callejero. Para isso realizei uma pesquisa qualitativa em que pude construir as informações a partir de um grupo de whatsapp, um encontro coletivo, 19 entrevistas semi-estruturadas com essas mulheres e também entrevistas semi-estruturadas individuais juntamente a três pessoas que passaram pelo programa enquanto gestores (dois homens e uma mulher), abordando um panorama sobre o contexto histórico do PEI em seus 35 anos de vida. O processo analítico para essa pesquisa é baseada na Sociologia Pragmática, também denominada como Sociologia da Crítica, que em um caminho inverso à Sociologia Crítica (que aponta a capacidade de prover a crítica aos pesquisadores), visa a compreensão dos momentos, das situações, onde as próprias pesquisadas e pesquisados são os principais atores dessa construção, apontando suas críticas nesse processo, ou seja, a capacidade crítica é delegada às/os participantes da pesquisa. Os resultados estão apresentados em formato de artigos/capítulo de livro: no primeiro realizei uma revisão bibliográfica dos estudos sobre mulheres, futebol e gênero; o segundo artigo tem o foco na manutenção do PEI em seus 35 anos de existência; o terceiro artigo abrange a trajetória das ex educandas do Programa; o quarto estudo foi um capítulo de livro sobre a trajetórias das ex educadoras

do programa. De acordo com os resultados pude compreender que o espaço do PEI e do Futebol Callejero, foram fundamentais na capacidade de agência das participantes dessa pesquisa, implicando em ações de rompimento das estruturas dominantes da sociedade.

Palavras-chave: Mulheres, Futebol, Gênero, Futebol Callejero, Projeto Social Esportivo e de Lazer

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. OBJETIVOS	17
2.1 OBJETIVO GERAL	17
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	17
3. METODOLOGIA	18
4. ARTIGO 1 - FUTEBOL DE MULHERES E FUTEBOL CALLEJERO: CONHECENDO AS PRODUÇÕES CIENTÍFICAS	27
OMITIDO DEVIDO ESTAR EM PROCESSO DE SUBMISSÃO EM PERIÓDICO CIENTÍFICO	
5. ARTIGO 2 - PROGRAMA ESPORTE INTEGRAL: UM ESTUDO SOBRE A MANUTENÇÃO DE UM PROJETO SOCIAL ESPORTIVO AO LONGO DE 35 ANOS	28
OMITIDO DEVIDO ESTAR EM PROCESSO DE SUBMISSÃO EM PERIÓDICO CIENTÍFICO	
6. ARTIGO 3 - “SE OS HOMENS PODEM, POR QUE EU NÃO POSSO? QUAL É O ERRO?” FUTEBOL CALLEJERO VIVENCIADO POR MULHERES: UM ESPAÇO DO “EU ACREDITO”, “EU POSSO”, “EU SOU CAPAZ”	29
OMITIDO DEVIDO ESTAR EM PROCESSO DE SUBMISSÃO EM PERIÓDICO CIENTÍFICO	
7. CAPÍTULO DE LIVRO - NUNCA FOI SÓ FUTEBOL: UM ESTUDO SOBRE O FUTEBOL CALLEJERO VIVENCIADO POR MULHERES NO PROGRAMA ESPORTE INTEGRAL (PEI)	30
1. INTRODUÇÃO	30
2. METODOLOGIA	32
3. MULHERES NO PEI: ACESSANDO O GÊNERO ATRAVÉS DO FUTEBOL CALLEJERO	33

3.1 “É difícil, é sofrido, é dolorido”: desconstruções hegemônicas a partir da vivência do Futebol Callejero no PEI	34
3.2 “Tu é uma pessoa antes de entrar no PEI e tu é outra pessoa depois que tu passa”: elaborando processos de justificações no PEI e no Futebol Callejero.....	39
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	48
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	53
APÊNDICE A	58
APÊNDICE B	59
APÊNDICE C	62
APÊNDICE D	64

1. INTRODUÇÃO

O futebol é uma prática presente em minha trajetória, seja enquanto criança jogando em casa com meu pai, na rua com os amigos, no time da escola e em diversas equipes de competição a partir da minha adolescência. Esse esporte sempre me encantou, meu sonho era ser “jogadora” de futebol, mas o que seria ser jogadora de futebol? O que isso significava? Na época, enquanto criança, o que importava era o meu desejo, a força que isso tinha e o que isso representava. Com o passar do tempo, fui percebendo o que isso significava, e também, o quanto isso era menosprezado pela sociedade, a começar pelos preconceitos e pela falta de oportunidades. Depois de adulta, tive acesso à informações muito relevantes que me ajudaram a entender um pouco esse processo relacionado aos preconceitos e dificuldades em ser menina/mulher e gostar de futebol. Nasci em 1982, mal eu sabia que havia existido uma lei que proibia as mulheres de praticar alguns esportes, entre eles o futebol e que em 1979 essa lei fosse derrubada, e a partir dessa informação, as coisas fizeram um pouco mais de sentido.

O futebol desde a sua origem tem uma característica forte em ser um espaço eminentemente masculino, com isso acaba fortalecendo questões socioculturais e valores associados a sua prática, principalmente diferenciando meninas e meninos nesse contexto esportivo. “A entrada das mulheres em campo subverteria tal ordem, e as reações daí decorrentes expressam muito bem as relações de gênero presentes em cada sociedade: quanto mais machista, ou sexista, ela for, mais exacerbadas as suas réplicas” (FRANZINI, 2005, p. 316). Apesar de estarmos no século XXI, as mulheres ainda se encontram em um espaço de desigualdade. Historicamente, foram excluídas e reprimidas dos avanços da sociedade, isso evidencia até hoje a desigualdade entre os sexos e no esporte isso se reflete mais ainda devido aos estereótipos de gênero. Segundo Goellner (2012, p. 73), “ainda há muita assimetria entre homens e mulheres em relação a essa prática cultural”.

Gostar de esportes, em especial do futebol, me levou à diversas experiências significativas para a minha vida, entre elas cursar Educação Física. Tive muitas vivências nos estágios que realizei, e depois de formada, em 2011 pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos, tive a oportunidade de trabalhar no PEI (Programa Esporte Integral), local que atuo até hoje. O PEI é um projeto social esportivo, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos, que tem o objetivo de formação cidadã através do esporte, e que atende crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social do município de São Leopoldo/RS, desde 1988. No PEI, sou

responsável técnica pelo futebol, através disso tive a oportunidade de conhecer uma prática desenvolvida pelo projeto, o Futebol Callejero¹, com uma outra forma de se pensar e jogar futebol, onde meninas e meninos jogam juntos e criam as regras do jogo, não tem árbitro e sim um mediador ou mediadora, e existem momentos de diálogo e reflexão baseado em valores humanos e sociais. Nas minhas experiências pessoais e profissionais, nunca havia vivenciado essa forma de futebol, por mais que em minha infância jogasse na rua, onde as regras a gente construía e a luta por espaço para poder jogar era constante por ser a única menina em meio aos meninos, não havia momentos de reflexão sobre, não se tinha uma oportunidade de escutar e de falar como a gente se sentia. Penso que naqueles momentos da minha vida, na infância e adolescência, esse espaço fez falta para o meu desenvolvimento enquanto mulher, principalmente na questão de se posicionar e ter a oportunidade de falar e ser ouvida.

Conforme Rossini *et al* (2012), no trabalho “Fútbol Callejero, Liderazgo y Participacion”, o Futebol Callejero teve início em um bairro de Moreno (Argentina) como uma experiência de construção coletiva juntamente a outros países e comunidades que se motivaram a jogar futebol desenvolvendo a cidadania. O início da proposta foi de recuperar o espaço de protagonismo e de diálogo entre os jovens em uma sociedade com muita violência estrutural, nas relações com a família, na comunidade e na escola. O Futebol Callejero é uma prática com uma proposta de transformação social que propõe resgatar os valores humanos, onde meninas e meninos jogam juntos, não existe árbitro e sim um mediador que auxilia no processo de diálogo, resolução de conflitos e na construção coletiva das regras do jogo. “Além da apropriação dos espaços públicos, a metodologia do Futebol Callejero propõe um novo jeito de jogar futebol, valorizando e dando visibilidade para valores humanos e sociais, como o respeito à diferença, a solidariedade e a cooperação” (GUTIERREZ; DOTTO; ALLET, 2016, p. 25).

A prática do Futebol Callejero, tendo o futebol como ferramenta principal e a mediação como coluna vertebral, se desenvolve em três momentos, o diálogo e a reflexão coletiva estão presentes em todo o processo, e a figura do mediador é parte essencial nessa construção. No primeiro momento, juntamente com a presença do mediador que anota tudo o que é acordado, as equipes conversam e decidem quais serão as regras do jogo e os valores humanos e sociais, que terão uma pontuação ao longo da partida. O jogo, desenvolvido no segundo momento, é onde se coloca em prática os

¹ Para saber mais sobre o Futebol Callejero ver a dissertação de mestrado de Augusto Dotto, defendida no ano de 2019.

acordos feitos inicialmente e a resolução de conflitos é de extrema importância. O terceiro momento é onde as equipes se reúnem e dialogam sobre o cumprimento dos acordos feitos no primeiro momento, e através de uma reflexão coletiva, chegam a uma pontuação final do jogo. De acordo com Rossini *et al* (2012), essas instâncias de discussão inicial e final são fundamentais para entender por que o Futebol Callejero é uma ferramenta com um grande potencial no desenvolvimento de lideranças e protagonismo juvenil, abrindo espaço, não somente para jogar bola, mas para propor as regras do jogo e debater o resultado. Outra particularidade dessa prática, são as equipes mistas, onde meninas e meninos jogam juntos em todos os momentos da partida, não estabelecendo diferenças entre os gêneros.

Através do Futebol Callejero, tive a oportunidade de vivenciar diversos aprendizados junto às educandas e educandos adolescentes do projeto², em festivais e encontros Nacionais e Internacionais. A cada experiência vivida com essa prática, em especial, nos encontros e nos eventos com outras organizações junto aos jovens, me colocava a pensar o quanto esses espaços de reflexão e diálogo a partir do futebol fizeram falta na minha infância e adolescência. Passei por situações de preconceitos, por ser mulher e gostar de uma modalidade esportiva dita masculina em nossa cultura. Acredito que na fase da minha adolescência, devido às transformações no meu corpo, foi mais complicado lidar com as violências de gênero construídas pela sociedade patriarcal e machista, porém não desisti, e continuei a jogar o futebol que tanto me fascina até hoje. Conforme Silveira e Stigger (2013), talvez possa se afirmar que as práticas esportivas tiveram muita importância na constituição das masculinidades, já para a participação das mulheres nos esportes não se constituiu como um elemento importante para a construção de uma feminilidade hegemônica. Conforme Goellner (2005), o Brasil é um país onde o futebol é incorporado à identidade nacional, isso faz com que seja necessário refletir, o quanto esse espaço significa para as mulheres, não somente em conquistas, mas sobretudo, dar um novo significado a alguns sentidos, identificando esse espaço como seu também, um espaço de sociabilidade e de exercício de liberdade. Acredito que a relação entre ser mulher e a hegemonia masculina construída em nossa sociedade potencializa os preconceitos de violências de gênero, dificultando ainda mais a prática de meninas e mulheres aos esportes, ainda mais nos ditos “esportes masculinos”.

² A nomenclatura “Educanda/Educando” utilizada pelo Programa vem da aproximação do PEI com a educação social, e nesse caso são as crianças e adolescentes participantes.

Em um mundo de normas prontas e condutas normalizadas, onde a necessidade de reflexão, de argumentação e de assumir responsabilidades está perdendo espaço, percebe-se que essa metodologia [Futebol Callejero] institui um espaço construtivo de diálogo que desenvolve a capacidade crítica, a reflexão, a confiança e a construção coletiva (GUTIERREZ; DOTTO; ALLET, 2016, p. 28).

Esse momento de conversa, de escuta e de construção coletiva junto às adolescentes, dialoga com a proposta do Futebol Callejero, fomentando a capacidade crítica e cidadã, tão importantes no processo de formação das jovens enquanto mulheres. De acordo com Gimenez (2003), na medida em que a sociedade é desigual, alguns indivíduos integram uma posição da estrutura social, por exemplo, a sociedade é sexista ou classista. O autor afirma também, que nesse sentido, podemos dizer que nossa sociedade é adultocrática, e que independente da definição formal de cidadania, na prática estabelece uma cidadania substantiva que é definida não apenas com base em eixos de gênero, etnia, classe, etc., mas também idade. Pensando nas questões que relacionam o processo de identidade e construção a partir do “ser mulher” na sociedade, não podemos deixar de pensar nas questões que vão além do gênero, mas também do ser jovem em uma sociedade adultocrática e o desenvolver-se enquanto cidadãs, cientes dos seus direitos.

As experiências de autonomia, através do Futebol Callejero, oferecem um espaço rico nos dias atuais, uma posição de representatividade e atuação em uma comunidade política. De acordo com Gimenez (2003), o modo de compreender a juventude, seria em uma etapa de concretização de seus direitos, responsabilidades e capacidades, resumindo, uma etapa de emancipação cidadã. Seria esse um importante espaço que oportuniza a construção coletiva e democrática na emancipação e no processo da formação das jovens? A pesquisa que realizei está diretamente focada nas mulheres ex participantes que atuaram como jogadoras e mediadoras no PEI, que tiveram e que ainda têm vivências junto ao Futebol Callejero, e com isso, pude compreender como elas vivenciaram e constituíram suas trajetórias enquanto mulheres nesse espaço.

Segundo McCann *et al* (2019) em “O livro do feminismo”, traz como pioneiro e possivelmente uma das contribuições mais significativas para as bases teóricas da segunda onda feminista o livro “O segundo sexo” escrito por Simone de Beauvoir. A autora declara que a feminilidade ou a condição de ser mulher é uma construção cultural ou social, formada ao longo de gerações e nessa construção está a causa das opressões às mulheres. Conforme Beauvoir, não se nasce mulher, torna-se mulher; ser mulher é ter

o homem como referência, e não a si mesma, onde a sociedade determina o homem como norma e a mulher como sexo secundário. De acordo com Louro (1997), as explicações para as desigualdades de gênero não deveriam ser buscadas nas diferenças biológicas, mas sim na organização enquanto sociedade, na história, nas condições de acesso aos recursos da sociedade e nas formas de representação. Ser mulher é um grande ato político de extrema representatividade, que devido a uma série de desafios e de luta foi se constituindo ao longo da história até os dias atuais, mas ainda assim, sabemos das diferenças existentes, não somente entre gêneros, mas entre as próprias mulheres, diferenças essas relacionadas também à etnia, raça, classe e sexualidade. McCann *et al* (2019) comenta que na América no início do século XIX, o pensamento defendido pela maioria das mulheres e dos homens era de que Deus havia criado as mulheres para serem subordinadas aos homens, crenças essas tiradas de passagens escolhidas da Bíblia, bem como interpretações deformadas e muito usadas para declarar pessoas negras inferiores às brancas. Podemos refletir sobre o “ser mulher” em diversos contextos, culturas e realidades, pois existem muitas construções nesse sentido.

Acredito que minha caminhada no mestrado também se deu nesse sentido do ser mulher em diversos âmbitos e momentos, pois os temas desse estudo, cruzam com minha trajetória de vida. Meu desejo em realizar um mestrado, já vinha de tempos, mas foi em 2021, em meio à pandemia que decidi dar os primeiros passos nessa caminhada. Inicialmente ingressei junto ao Grupo de Estudos Socioculturais em Educação Física – GESEF/UFRGS, no qual faço parte e é importante para minha formação e trajetória de estudos. As disciplinas que fiz no Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano – PPGCMH/UFRGS, me auxiliaram muito a pensar e construir esse estudo. Debates, leituras e pesquisas acerca da educação física, sociedade e cultura; Esporte, estado e política; Bases teóricas do lazer; Leituras sobre corpo, gênero e sexualidade, foram temas e reflexões oportunizadas nas disciplinas que fiz, ampliando minhas visões e conhecimentos sobre diversos assuntos, bem como a embasar e auxiliar na construção dessa pesquisa.

Diante disso, essa dissertação busca compreender como as mulheres ex participantes (ex educadoras e ex educandas) do PEI construíram suas trajetórias nesse local e no Futebol Callejero. Para isso realizei uma pesquisa qualitativa em que pude construir as informações a partir de um grupo de whatsapp, um encontro coletivo e entrevistas semi-estruturadas com essas mulheres. A pesquisa de campo foi um momento rico de trocas, de olhares, de sentimentos, de vivências e de aprendizagens. A

cada encontro era um reencontro consigo mesma, poder se enxergar muitas vezes a partir de seus relatos, lembrar coisas, dar risadas e se emocionar ao mesmo tempo, me fez sentir privilegiada em vários momentos por estar fazendo parte disso, escutando e compartilhando suas trajetórias de vida. Os caminhos trilhados pelas mulheres através de suas trajetórias junto ao PEI e ao Futebol Callejero, possibilitaram distintas análises as quais iremos apresenta-las nesta dissertação a partir do chamado ‘modelo escandinavo’ em que contem artigos para publicação, de acordo com a Resolução nº 115/2014 do CEPE (Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão) da UFRGS. Escolhemos esse formato, o qual consideramos “alternativo” (NASSI-CALÒ, 2016), devido a dois aspectos centrais: o primeiro refere-se às mudanças da comunicação científica direcionando o protagonismo aos periódicos acadêmicos os quais são hoje principais meios de acesso à produção científica³; o segundo refere-se às exigências do próprio programa de pós graduação em que estou inserida, PPGCMH, o qual no seu regimento interno apresenta requisitos de produção intelectual para o encaminhamento da dissertação à defesa de mestrado⁴.

Sustentada nesta forma alternativa de produção de dissertação organizei as pautas e temas que considere principais nesta pesquisa em três artigos, os quais viso futuramente publicá-los, e um capítulo de livro, o qual já foi publicado⁵. Esse formato tem algumas implicações na própria redação desta dissertação. Uma delas diz respeito a presença da escrita em primeira pessoa do singular nas partes da introdução, metodologia e considerações finais, pois nesses momentos trago minha trajetória pessoal e acadêmica, no qual, as trocas, construções, laços e afetos se interlaçam e constituem parte importante da minha história; e na primeira pessoa do plural nos artigos e capítulo de livro, pois essa caminhada é construída por um coletivo de pessoas que me ajudaram a pensar e idealizar esse trabalho, o grupo de estudos GESEF junto a minha orientadora Prof^ª Dr^ª. Raquel da Silveira, foram cruciais nesse processo.

³ Nassi-Calò (2016) dentre os argumentos que destaca para a proliferação de formatos alternativos de teses e dissertação, inclui o baixo número de pessoas que leem uma tese do início ao fim. Ela descreve os dados presentes em um editorial da *Nature*: “O editorial da edição da *Nature* de 7 de julho de 2016¹ traz um dado peculiar: ‘de acordo com estatísticas frequentemente citadas que deveriam ser verdadeiras, mas provavelmente não são, o número médio de pessoas que leem uma tese de doutorado do início ao fim é 1,6, e isso inclui o autor’” (s/p).

⁴ Neste momento a resolução vigente para este tema é a nº 01/2022 do PPGCMH a qual pode ser acessada em: <http://www.ufrgs.br/ppgcmh/docs/regimento-interno/Resolucao%2001-2022%20CONSELHO%20-%20Producao%20para%20defesa%20ALTERADA.pdf>

⁵ Futebol e mídia: discussões além do campo / Mauricio Barth, Gustavo Roese Sanfelice (Org.). – Novo Hamburgo: Editora Feevale, 2023. Disponibilizado no link: <https://www.feevale.br/Comum/midias/a26ac1d0-dd92-4056-9893-05da5bfaaf0c/Futebol%20e%20midia.pdf>

Também tem a implicação de conter algumas repetições de informações que são imprescindíveis devido os artigos e capítulo de livro serem produções independentes e necessitarem de algumas explicações comuns.

Considerando essas escolhas, redigi a dissertação iniciando com esta Introdução, que visou trazer alguns elementos iniciais que localizam e anunciam o tema da pesquisa assim como a minha trajetória em relação a esse tema. Após, apresento o Objetivo Geral e os Objetivos específicos que guiaram a pesquisa. Em seguida descrevo a Metodologia, apontando como foi desenvolvido o processo investigativo. Depois, desenvolvo os resultados que estão organizados em um primeiro artigo no qual realizo uma revisão bibliográfica dos estudos sobre mulheres, futebol e gênero, obtidos para no processo de qualificação do mestrado; no segundo artigo que tem o foco na manutenção do PEI em seus 35 anos; no terceiro artigo que abrange a trajetória das ex educandas do Programa; e em um capítulo de livro sobre a trajetórias das ex educadoras do Programa; Por fim apresento as considerações finais da dissertação em que busquei destacar elementos importantes refletindo junto aos temas emergentes do campo, como as relações de gênero, o contexto de projetos sociais esportivos, bem como, a prática pedagógica na área da Educação Física. **Importante mencionar, que nesse momento, após às contribuições da banca na defesa de mestrado, optamos por não incluir junto a esse trabalho os artigos citados anteriormente, pois estão em processo de submissão à periódicos científicos para brevemente publicá-los.**

2. OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Compreender como as mulheres ex participantes (ex educadoras e ex educandas) do PEI construíram suas trajetórias nesse local e no Futebol Callejero.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Compreender as pautas e debates que os estudos nos trazem sobre Futebol de Mulheres e Futebol Callejero.

- Compreender elementos e ações que fazem o Programa Esporte Integral se manter por 35 anos de existência.

- Compreender como as ex educandas do PEI, a partir do Futebol Callejero, colocam em crise elementos da noção de gênero e assim constituem suas trajetórias enquanto mulheres.

- Compreender como as ex educadoras do PEI, vivenciaram suas trajetórias de “ser mulher” nesse local, a partir das experiências junto ao Programa e ao Futebol Callejero.

3. METODOLOGIA

Essa pesquisa consiste em um estudo qualitativo. Conforme Denzin & Lincoln (2006, p. 17), a pesquisa qualitativa envolve o estudo do uso e a construção de uma variedade de materiais empíricos que descrevem momentos e significados sobre a vida das pessoas, seja através de estudo de caso; experiências pessoais; observações; histórias de vida; entrevistas, entre outros, fazendo com que os/as pesquisadores/as utilizem essa ampla variedade de práticas interpretativas na tentativa de compreender melhor o assunto que está ao seu alcance. Segundo Flick (2004, p. 3) “a pesquisa qualitativa é de particular relevância ao estudo das relações sociais devido à pluralização das esferas de vida”, e que “essa pluralização exige uma nova sensibilidade para o estudo empírico das questões” tendo em vista diversos ambientes junto às desigualdades sociais, estilos e formas de vida. Para Silva e Menezes (2005, p. 20) a pesquisa qualitativa,

considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. É descritiva. Os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem.

Nesse sentido, realizar uma pesquisa de caráter qualitativo nos oportuniza conhecer e analisar as realidades e experiências vividas e trazidas pelas participantes do PEI junto às práticas do Futebol Callejero. É a partir desse modo de fazer pesquisa que teremos elementos para entender como se identificam e o que esse espaço significa em suas trajetórias de vida.

O PEI (Programa Esporte Integral), local onde o projeto de pesquisa está sendo realizado, é um espaço de extensão universitária da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos e existe há 35 anos. O PEI também se configura como um projeto social esportivo e atende crianças e adolescentes vulnerabilizados/as do município de São Leopoldo/RS. Têm como objetivos a formação cidadã ativa, o protagonismo juvenil, a promoção da equidade de raça e gênero e o exercício do direito ao lazer a partir da pedagogia do ócio⁶. O PEI oferece práticas esportivas e de lazer, onde as principais referências são o atletismo, o hóquei e o futebol. Atualmente atende crianças e adolescentes de duas escolas municipais em parceria com a Secretaria Municipal de Educação de São Leopoldo/RS juntamente ao Programa AABB Comunidade, e também

⁶ Base teórica do Programa, a partir do Plano de Ação (documento do PEI).

um núcleo junto à universidade, no Centro de Esporte e Lazer da Unisinos. O PEI integra o Centro de Cidadania e Ação Social Unisinos (CCIAS), e possui instituições parceiras, com mais expressividade o Banco do Brasil juntamente ao Programa Integração AABB Comunidade, da FENAB (Federação Nacional das AABB's).

As colaboradoras para a pesquisa são mulheres de idade entre 18 e 39 anos, ex participantes do PEI, seja enquanto educadoras ou educandas que já tiveram contato e vivências com as práticas do Futebol Callejero. Importante ressaltar que em algumas organizações que desenvolvem a prática do Futebol Callejero existe outra nomenclatura importante, que também constitui a participação dos/as envolvidos e envolvidas nesse processo: “referente”. Conforme Dotto, esse termo é utilizado “para designar esse jovem, geralmente envolvido com a organização desde criança, com perfil de liderança e que ocupa lugar de destaque perante outros jovens” (2019, p. 87). O “referente” faria um “plano de carreira” (DOTTO, 2019, p. 88), onde a primeira participação no Futebol Callejero dentro da organização seria a de jogador ou jogadora, depois na atuação como técnico, técnica ou auxiliar nas atividades, e na sequência como mediador ou mediadora, prosseguindo como referentes da organização. Nesse sentido é importante pensarmos nessas jovens enquanto ‘referentes’ em vários processos de desenvolvimento da metodologia no programa, bem como nas relações de gênero que perpassam nesse espaço a todo instante. Importante mencionar também junto às vivências no PEI, que minha trajetória de doze anos enquanto educadora do projeto e responsável pelo futebol, me permitiu acessar diversas memórias junto às participantes da pesquisa, devido ao vínculo construído nesse período. Foram diversos momentos em que vivemos juntas, sejam nas viagens aos encontros de Futebol Callejero com algumas, sejam nas diversas práticas proporcionadas no PEI.

Sobre as participantes dessa pesquisa, elas compartilharam muitos momentos em suas trajetórias junto ao PEI, sejam enquanto educandas ou educadoras nesse espaço. No caso das ex educandas, todas moradoras do município de São Leopoldo/RS, ao menos na época de inscrição e frequência junto ao PEI, hoje regulam entre 18 e 25 anos de idade mais ou menos. Importante dizer que elas, mesmo tendo feito 18 anos, idade de limite máximo para frequentar o PEI, continuam a fazer parte de outras formas, seja participando de debates e atividades do Papo de Guria⁷, seja jogando junto às

⁷ Grupo criado a partir de uma iniciativa das meninas participantes do PEI na época, em 2019, e que continua até os dias atuais. As atividades são realizadas através das pautas trazidas por elas, onde no momento inicial, debatemos em uma roda de conversa, e logo após, elas jogam futebol. Importante trazer

equipes adultas de futebol ou hóquei nos eventos, ou ainda, participando de formações enquanto convidadas e referências juntamente às práticas do projeto. Conforme seus relatos, conheceram o PEI através de amigas/os e familiares, na sua maioria representadas pela figura feminina, como amiga, mãe ou avó. De acordo com elas, suas permanências junto ao projeto estavam e estão fortemente relacionadas às amizades, ao acolhimento e aos vínculos, além dos esportes. Algumas tiveram oportunidades de viajar junto aos encontros e eventos nacionais e internacionais de Futebol Callejero, conhecendo diferentes lugares, como São Paulo/Brasil, Argentina e Uruguai, além de fazer novas amizades e acessar outras realidades e culturas. Conforme suas falas, tendo o PEI enquanto referência e um espaço importante para essas escolhas, algumas pensam em cursar Educação Física futuramente, uma inclusive já iniciou o curso. Em relação às ex educadoras, onde cinco tiveram oportunidades de viajar, também no tempo em que estiveram no PEI, são na sua maioria da área da Educação Física e já formadas, regulando entre 22 e 39 anos de idade em média. Algumas ainda seguem cursando Educação Física, e uma é da área do Serviço Social, curso em andamento também. Na sua maioria, acessaram ao PEI enquanto estágio remunerado, junto ao espaço de formação acadêmica, todas estudantes da Unisinos; uma das participantes iniciou junto ao trabalho no projeto enquanto jovem aprendiz e hoje cursa Educação Física iniciando na Unisinos e atualmente dando sequência ao curso em outra instituição de ensino. Inicialmente fizeram parte da pesquisa vinte e uma participantes. Dessas vinte e uma participantes, dezenove participaram de todas as etapas de construção de dados empíricos (dez ex educandas e nove ex educadoras), as demais (uma ex educanda e a outra ex educadora), optaram por não participar naquele momento, seja por questões pessoais e/ou de suas rotinas diárias. As ex educadoras, ingressaram junto ao PEI enquanto estagiárias, onde a maioria concluiu seu prazo máximo de dois anos, conforme a lei de estágio. Uma delas atuou por dois anos enquanto estagiária e logo após seus dois anos de estágio, foi contratada enquanto funcionária da Unisinos/PEI, que coincidiu na época com sua formação em Educação Física, o que facilitou o processo para a contratação. De acordo com as ex educadoras através de seus relatos, o PEI foi e é um grande espaço de aprendizado e formação acadêmica.

No início dessa pesquisa, foram utilizadas como ferramentas metodológicas estratégias que possibilitaram estar em contato com as meninas, pois o início desse

que as atividades do PEI são realizadas de forma mista e que o Grupo Papo de Guria, é um encontro somente entre elas.

estudo se deu em meio à pandemia e ao isolamento social. Os encontros presenciais foram possíveis a partir da flexibilização dos protocolos de segurança da COVID 19. Para isso realizamos 5 frentes de construção de dados: 1) criação de um grupo de *Whatsapp* com elas propondo conversas a partir de temas caros na proposta do Futebol Callejero; 2) encontros presenciais através de práticas de futebol e conversas em grupo sobre suas experiências junto ao Futebol Callejero e ao PEI; 3) entrevistas semi-estruturadas individuais em que foi abordado especificamente a trajetória de vida dessas jovens mulheres e suas relações com o futebol e com o PEI; 4) entrevistas semi-estruturadas individuais juntamente a três pessoas que passaram pelo programa enquanto gestores (dois homens e uma mulher), abordando um panorama sobre o contexto histórico do PEI em seus 35 anos de vida, entrevistas essas, que foram realizadas com o auxílio do estudante de iniciação científica; 5) elaboração de diários de campo referente aos contatos que temos com elas tanto no grupo de *Whatsapp* quanto nos encontros presenciais em grupo e nas entrevistas individuais.

Inicialmente entrei em contato individualmente com as participantes desse estudo, através do *Whatsapp*, explicando os motivos da pesquisa, a escolha das entrevistadas, apresentando a proposta e perguntando se elas desejavam participar. A partir disso e de seus consentimentos elas foram incluídas no grupo no *Whatsapp* que foi criado especificamente para essa pesquisa. Importante ressaltar, que os contatos telefônicos das participantes que integraram o PEI já estavam sobre minha posse, uma vez que além de pesquisadora, sou educadora e trabalho no PEI, além disso, ainda mantenho contato com muitas dessas mulheres, isso facilitou o acesso a elas.

O grupo no *Whatsapp*, iniciou em março de 2022 e ficou ativo até dezembro de 2022, funcionando por dez meses. Teve como objetivo principal, a interação das participantes propiciando um espaço de construção coletiva, de escuta e diálogo através de temas que foram abordados e trazidos tanto por mim quanto por elas no decorrer das conversas. O objetivo foi poder observar e construir dados que ampliassem as possibilidades e perspectivas para além das entrevistas individuais. Os principais temas abordados estão relacionados à discussão de gênero em diversos ambientes, principalmente os que elas circulam, tentando relacionar com as experiências que elas tiveram enquanto participantes do PEI e das vivências com o Futebol Callejero. As postagens eram feitas semanalmente, toda a segunda-feira em formato de perguntas ou temas que poderiam gerar a conversa entre as participantes (as perguntas realizadas no grupo do *whatsapp* estão descritas no apêndice A).

Foram realizadas dezenove entrevistas individuais com as mulheres e uma em grupo. Todas entrevistas foram gravadas e transcritas. Conforme Bauer & Gaskell (2007, p. 65), o emprego da entrevista qualitativa é usado para mapear e compreender o mundo da vida das respondentes, que a partir disso, introduz esquemas interpretativos para a compreensão das narrativas das pessoas em termos mais conceptuais e abstratos, muitas vezes relacionado a outras observações. Os autores comentam também, que a entrevista qualitativa, fornece informações básicas para o desenvolvimento e a compreensão das relações entre os atores sociais e sua situação, com o objetivo de uma detalhada compreensão sobre as crenças, atitudes, valores e motivações, relacionados ao comportamento das pessoas em contextos sociais específicos. Diante disso, através das entrevistas, foi possível ter acesso a como as participantes circularam e circulam no espaço do PEI e do Futebol Callejero, onde essa prática é pensada para a inclusão de meninas, mas em um esporte culturalmente dito “masculino”. Compreender como elas vivem nesses espaços, com suas idades, raças, classe, sexualidade e trajetórias de vida. As entrevistas tiveram um roteiro semi-estruturado (disposto no apêndice B), foram marcadas com antecedência, conforme disponibilidade das entrevistadas, garantindo que a confidencialidade de suas identidades seja mantida. A duração das entrevistas foi no mínimo 1h e no máximo 2h, elas foram gravadas em áudio, transcritas e devolvidas para as informantes para serem validadas (todas as participantes autorizaram o uso das entrevistas). As anotações em um diário de campo a cada contato junto às participantes foram de extrema importância. Os diários de campo que também fizeram parte dessa investigação, ajudou no processo de compreensão das práticas, das diferentes realidades e também em como esse espaço é constituído e ocupado por elas. De acordo com Silveira, Stigger & Myskiw (2019, p. 5) “é trazendo ao texto as ações promulgadas na prática que se pode compreender as realidades que estão sendo criadas”.

Também foram feitas três entrevistas individuais com dois ex gestores do PEI e com o atual, no qual realizaram a gestão do programa em momentos históricos diferentes. Essas entrevistas foram feitas com o auxílio do acadêmico de educação física, bolsista junto à iniciação científica da UFRGS; Uma entrevista foi feita de forma virtual, utilizando o Mconf (plataforma da UFRGS), e duas de forma presencial. Os roteiros de entrevista, dispostos no apêndice C e D, foram construídos de acordo com o contexto histórico que cada gestor e gestora vivenciou no PEI, com foco nos processos históricos, suas dinâmicas, objetivos e organização. Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas. Foi entrevistada uma mulher, Suzana Schuch Santos, e dois homens, Lauro

Inácio Ely quem cria o PEI, e Augusto Dias Dotto, atual gestor, que teve seu roteiro de entrevista focado mais para questões e processos atuais do programa. Os três participantes, por serem protagonistas no processo histórico e de desenvolvimento do PEI, autorizaram que seus nomes fossem mencionados. A seguir, na tentativa de contextualizar e situar o período em que estiveram no PEI, mostraremos um quadro sobre as/os participantes desse estudo.

Quadro 1: Informações sobre as/os participantes

	Faixa etária atual	Ano de entrada no PEI	Raça	Identidade de gênero
Ex Educadoras - 09 participantes	→ 23 anos: 01 → 24 anos: 02 → 26 anos: 01 → 27 anos: 02 → 29 anos: 01 → 34 anos: 02	→ 2012: 01 → 2014: 01 → 2015: 01 → 2016: 02 → 2017: 02 → 2018: 01 → 2019: 01	→ 01 negra → 01 parda → 07 brancas	→ 01 mulher transgênero → 08 mulheres cisgênero
Ex Educandas - 10 participantes	→ 18 anos: 01 → 19 anos: 02 → 21 anos: 01 → 22 anos: 03 → 23 anos: 01 → 25 anos: 02	→ 2008: 01 → 2010: 01 → 2011: 04 → 2012: 01 → 2015: 01 → 2017: 02	→ 06 negras → 02 pardas → 02 brancas	→ 10 mulheres cisgênero
Gestores/a do PEI	→ 67 anos: 01 → 62 anos: 01 → 42 anos: 01	→ 1988 → 2000 → 2010	→ 03 brancos/a	→ 03 cisgênero

FONTE: Elaboração da autora

Observação: As ex educadoras viveram suas trajetórias como estagiárias e cumpriram seus períodos de estágio até dois anos conforme legislação, com exceção de uma, que logo após encerrar seu período de estágio e também estar formada em Educação Física, foi contratada enquanto funcionária para trabalhar no Programa. Também, uma das ex educadoras, atuou enquanto jovem aprendiz, ficando por um período de 10 meses, conforme legislação. Em relação às ex educandas, na sua maioria frequentaram as atividades regulares do PEI, até completarem 18 anos, data limite de atendimento no Programa.

Algumas orientações, conforme a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa em ambientes virtuais (OFÍCIO CIRCULAR Nº 2/2021/CONEP/SECNS/MS), em vista de medidas que visem à proteção e os direitos das participantes da pesquisa, foram

informadas no momento do convite. As participantes da pesquisa somente tiveram acesso às perguntas da entrevista, após receberem, e estarem de acordo com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice C), que foi enviado via *Whatsapp* que foi impresso, assinado e escaneado pelas participantes, ou ainda via assinatura digital, dando seu consentimento e devolvido à pesquisadora via *Whatsapp* e/ou correio eletrônico ou ainda de forma presencial, garantindo também às participantes o direito de não responderem qualquer questão, sem necessidade de explicação ou justificativa para tal, podendo se retirar da pesquisa a qualquer momento conforme Artigo 2.2.1 da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa em ambientes virtuais (2021). As participantes tiveram acesso ao teor do conteúdo e aos tópicos abordados antes de responderem as perguntas, para terem acesso e uma tomada de decisão informada. Conforme a resolução N° 510, de 07 de abril de 2016, Artigo 2° inciso X, sobre as normas e pesquisa em Ciências Humanas e Sociais, o esclarecimento do processo de apresentação sobre o tipo de pesquisa, sua justificativa, métodos, benefícios e riscos, foram informados antes de iniciar as entrevistas, bem como foram descritas no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, esclarecendo quaisquer dúvidas decorrentes sobre essa pesquisa. Em relação aos riscos de pesquisa em ambiente virtual, como o vazamento de informações através de violação de segurança do ambiente virtual, as informações foram coletadas e armazenadas em um dispositivo eletrônico local e logo após a finalização da coleta de dados, serão apagadas de toda e qualquer plataforma virtual, ambiente compartilhado ou “nuvem”, para assegurar total confidencialidade e potencial risco de sua violação. Em relação aos custos diretos e indiretos dessa pesquisa, foram de recursos próprios da pesquisadora desta pesquisa.

A resolução N° 510, de 07 de abril de 2016, que trata sobre a participação de todos envolvidos em pesquisa de Ciências Humanas e Sociais, visa a segurança, privacidade, prevendo riscos e auxiliando no processo e na construção metodológica da pesquisa. Com isso, conforme disposto no Artigo 1° desta Resolução, os procedimentos metodológicos dessa pesquisa envolvendo a utilização de dados das participantes e informações identificáveis, estão preservados em comum acordo, não acarretando riscos maiores do que os existentes na vida cotidiana das envolvidas na pesquisa.

Conforme trata o Artigo 2°, inciso XXV, da resolução N° 510, de 07 de abril de 2016, sobre a pesquisa de Ciências Humanas e Sociais, esse trabalho previu as possibilidades de riscos às participantes, principalmente de cunho emocional, seja relembrando algum momento marcante de sua trajetória de vida, ou em alguma situação

que ocorra no momento das entrevistas em que seja necessário parar por algum momento, avaliando junto às participantes a possibilidade de continuidade ou não, remarcando outro momento se for possível, conforme suas disponibilidades. Ao longo da pesquisa nenhum desses riscos se materializaram. As participantes terão acesso aos resultados da pesquisa, onde será enviado a elas após a sua conclusão, bem como a garantia da confidencialidade das informações, da privacidade das participantes e da proteção de suas identidades, inclusive do uso de sua imagem e voz, conforme prevê o Artigo 3º, incisos IV e VII da Resolução Nº 510, de 07 de abril de 2016. Assim como a garantia da não utilização, por parte da pesquisadora, das informações obtidas em pesquisa em prejuízo das participantes e o compromisso de todas as envolvidas em não criar situações de risco ou vulnerabilidades, nem acentuar os preconceitos e discriminações (Artigo 3, incisos VIII e IX, dessa mesma Resolução). Importante mencionar que as três entrevistas realizadas com os gestores do PEI não mantiveram anonimato, de acordo com a autorização dos/a próprios/a entrevistados/a. Esse estudo teve seu projeto aprovado pelo Sistema CEP/CONEP, e está sobre o número CAAE: 53185921.6.0000.5347.

O processo analítico dessa pesquisa foi baseada na Sociologia Pragmática, também denominada como Sociologia da Crítica, que em um caminho inverso à Sociologia Crítica (que aponta a capacidade de prover a crítica aos pesquisadores), visa a compreensão dos momentos, das situações, onde as próprias pesquisadas e pesquisados são os principais atores dessa construção, apontando suas críticas nesse processo, ou seja, a capacidade crítica é delegada às/os participantes da pesquisa, “tomar por objeto o trabalho crítico operado pelos próprios atores. Era necessário, para tanto, renunciar à intenção crítica da sociologia clássica” (BOLTANSKI, 2016, p. 132). A Sociologia Pragmática teve seu início na França em torno da década de 1980. Luc Boltanski é um dos seus precursores e conforme ele, uma das principais preocupações dessa sociologia é como as pessoas colocam em prática seus ideais de justiça se engajando às críticas, justificando suas ações e convergindo aos acordos. Segundo Boltanski (2016), o sociólogo da crítica, deve seguir os atores, com maior proximidade possível para o seu trabalho de interpretação e através dos relatórios feitos por eles, poder traçar seus caminhos. “Ele leva a sério seus argumentos e as provas que eles aportam, sem procurar reduzi-los ou desqualificá-los, opondo a eles uma interpretação mais forte” (BOLTANSKI, 2016, p. 146). De acordo com Barthe et al (2016), a sociologia pragmática é voltada para captar concretamente os fenômenos observáveis,

tendo a ação presente em seu desenrolar como o material base para as suas investigações, sendo indiferente se as situações são atuais ou se de um passado longínquo, não se limitando, de fato, a estudar o presente de nossas sociedades. Segundo Corrêa & Dias (2016), a análise do mundo, diante da perspectiva pragmática, é dada a partir das suas rupturas em que as fissuras revelam os momentos das tensões. “São nesses momentos críticos que concepções de justiça divergentes afloram e explicitam a fragilidade dos arranjos sociais, problematizando o lugar, a natureza e a ordem (ou as grandezas) das pessoas e dos objetos” (CORRÊA & DIAS, 2016, p. 79). Os autores afirmam ainda que os momentos críticos, são as situações em que os atores percebem que as coisas não estão indo bem, não podendo prosseguir mais da mesma forma, “mas que, ao contrário, é preciso agir, fazer alguma coisa, interrompendo a ação presente e mobilizando recursos para retomar um curso de ação adequado, já que a ordem atual gera incômodo ou inquietação intolerável” (CORRÊA & DIAS, 2016, p. 81). E através desse olhar e desse processo analítico, que busco compreender a trajetória das mulheres junto ao PEI e à prática do Futebol Callejero, em como elas transitaram nesses espaços na época em que estiveram junto ao programa, e a partir dessas vivências, como se implicaram, se afetaram e se constituíram enquanto mulheres no PEI e nas suas vidas.

4. ARTIGO 1 - FUTEBOL DE MULHERES E FUTEBOL CALLEJERO: CONHECENDO AS PRODUÇÕES CIENTÍFICAS

**OMITIDO DEVIDO ESTAR EM PROCESSO DE SUBMISSÃO EM
PERIÓDICO CIENTÍFICO**

**5. ARTIGO 2 - PROGRAMA ESPORTE INTEGRAL: UM ESTUDO SOBRE A
MANUTENÇÃO DE UM PROJETO SOCIAL ESPORTIVO AO LONGO DE 35
ANOS**

**OMITIDO DEVIDO ESTAR EM PROCESSO DE SUBMISSÃO EM
PERIÓDICO CIENTÍFICO**

6. ARTIGO 3 - “SE OS HOMENS PODEM, POR QUE EU NÃO POSSO? QUAL É O ERRO?” FUTEBOL CALLEJERO VIVENCIADO POR MULHERES: UM ESPAÇO DO “EU ACREDITO”, “EU POSSO”, “EU SOU CAPAZ”

OMITIDO DEVIDO ESTAR EM PROCESSO DE SUBMISSÃO EM PERIÓDICO CIENTÍFICO

7. CAPÍTULO DE LIVRO

NUNCA FOI SÓ FUTEBOL: UM ESTUDO SOBRE O FUTEBOL CALLEJERO VIVENCIADO POR MULHERES NO PROGRAMA ESPORTE INTEGRAL (PEI)

RESUMO

Neste capítulo iremos apresentar os resultados de parte de uma pesquisa de mestrado que teve como objetivo investigar de que maneira mulheres se constituíram a partir da vinculação com o Futebol Callejero que acontece no Programa Esporte Integral (PEI). Para isso foram realizadas entrevistas coletivas e individuais com mulheres que atuaram como educadoras no Programa. Para a análise das informações, nos aproximamos dos ensinamentos da Sociologia Pragmática a qual nos possibilitou identificar que o Futebol Callejero para estas mulheres proporcionou momentos de desconstruções e novas elaborações de operações críticas em relação as questões de gênero.

1. INTRODUÇÃO

Esse estudo traz questões que estão atreladas a uma pesquisa de mestrado pautada no modelo de escrita por artigos, também denominado de “escandinavo”. Diante disso podemos observar, a partir dos resultados de um desses artigos “Programa Esporte Integral: um estudo sobre a manutenção de um projeto social esportivo ao longo de 35 anos”, que o PEI⁸ vai se constituindo como um lugar protagonista na vida das/dos participantes do projeto, o que acaba por instigar ‘momentos críticos’ junto aos diversos contextos vividos por elas/eles, bem como suas compreensões de viver e estar no mundo. O processo analítico utilizado, sustentado na Sociologia Pragmática, possibilitou a identificação de ‘momentos de crise’ junto ao PEI, que foram pautados por três temas que fizeram parte do contexto histórico do programa: a classe social, a formação de crianças e jovens e o gênero. Trazer informações referentes ao estudo mencionado anteriormente, nos ajudará a compreender de onde partimos para a realização dessa pesquisa que iremos discorrer a seguir.

Atualmente o PEI, a partir da prática do Futebol Callejero, propicia junto às/aos participantes do programa espaços de diálogo, escuta, resolução de conflitos de acordo

⁸ O Programa Esporte Integral é um projeto social esportivo da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos que existe há 35 anos, têm como objetivos a formação da cidadania ativa, o protagonismo juvenil, a promoção da equidade de raça e gênero e exercício do direito ao esporte e lazer. Um projeto de extensão universitária, que atende crianças e adolescentes com a faixa etária entre 7 e 17 anos de idade do município de São Leopoldo/RS, em situação de vulnerabilidade social. Suas principais práticas esportivas atualmente estão direcionadas para o Futebol, Hóquei e o Atletismo.

com as pautas trazidas por elas e eles, onde as relações de gênero, por ser uma prática mista, estão presentes frequentemente. Diante disso, observamos que um dos ‘momentos críticos’ e de manutenção do programa frente à pesquisa trazida anteriormente, desde que o Futebol Callejero⁹ inicia no PEI, é a pauta e debate sobre o gênero. Pensando sobre o que a Sociologia Pragmática nos traz diante da noção de ‘crise’ enquanto um momento que provoca mudanças nos arranjos sociais, o Futebol Callejero parece ser o principal ator de acesso ao tema do gênero, o que acaba por provocar diferentes tomadas de decisões, outras formas de compreensões de mundo, e com isso, as/os participantes passam também a ter a possibilidade de construir seus processos de justificação e suas ações frente às pautas trazidas.

Conforme Rossini *et al* (2012), no trabalho “Fútbol Callejero, Liderazgo y Participacion”, o Futebol Callejero teve início em um bairro de Moreno (Argentina) como uma experiência de construção coletiva juntamente a outros países e comunidades que se motivaram a jogar futebol desenvolvendo a cidadania. O início da proposta foi de recuperar o espaço de protagonismo e de diálogo entre os jovens em uma sociedade com muita violência estrutural, nas relações com a família, na comunidade e na escola. “Além da apropriação dos espaços públicos, a metodologia do Futebol Callejero propõe um novo jeito de jogar futebol, valorizando e dando visibilidade para valores humanos e sociais, como o respeito à diferença, a solidariedade e a cooperação” (GUTIERREZ, DOTTO e ALLET, 2016, p. 25).

As aproximações junto ao Futebol Callejero iniciam no PEI no ano de 2010, através do coordenador Augusto Dotto que já conhecia essa prática por já ter desenvolvido em outro espaço de trabalho anteriormente; a partir daí estudos sobre o Futebol Callejero foram inseridos no planejamento e organização do PEI. Questões passam a ser debatidas em como desenvolver essa prática, em como mediar e não arbitrar, em como focar no protagonismo e autonomia das crianças e adolescentes facilitando para que elas sejam estimuladas na resolução de conflitos, diálogo e posicionamento, bem como os debates sobre as relações de gênero no futebol.

O futebol em nosso país tem uma característica em ser um espaço eminentemente masculino, com isso acaba fortalecendo questões socioculturais e valores associados a sua prática, principalmente diferenciando meninas e meninos nesse

⁹ O Futebol Callejero, propõe uma outra forma de se pensar e jogar futebol, onde meninas e meninos jogam juntos e criam as regras do jogo, não tem árbitro e sim um mediador ou mediadora que auxiliam na construção das regras e resoluções de conflitos e existe também momentos de diálogo e reflexão baseado em valores humanos e sociais.

contexto esportivo. De acordo com Goellner (2005, p. 147), só no final da década de 1970 “...se estabelecem novas bases para a organização do esporte no país, fazendo com que, em 1979, fosse revogada a deliberação do Conselho Nacional de Desportos que vedava a prática do futebol e do futebol de salão pelas mulheres”. Esses acontecimentos históricos, ainda refletem na realidade de muitas meninas que gostam de jogar futebol, seja relacionado aos preconceitos de gênero, quanto ao próprio desenvolvimento do futebol de mulheres em nossa cultura. Diante desse contexto, o Futebol Callejero, jogado de forma mista, acaba por criar um espaço de diálogo e de escuta onde muitos conflitos perpassam pelas relações de gênero nesse âmbito.

Para tanto, **esse trabalho busca compreender como as mulheres ex educadoras do PEI, vivenciaram suas trajetórias de “ser mulher” nesse local, a partir das experiências junto ao Programa e ao Futebol Callejero.** Nos perguntamos como elas transitaram nesses espaços na época em que estiveram junto ao programa? Em que momentos elas agiam? Em que momentos elas acionavam coisas/argumentos/compreensões que antes não tinham acesso? Em que momentos elas questionavam? Justificavam? Argumentavam? A partir dessas vivências, como se implicaram, se afetaram e se constituíram mulheres no PEI e nas suas vidas?

2. METODOLOGIA

As colaboradoras para esse estudo são 19 mulheres de idade entre 18 e 39 anos, ex participantes do PEI, seja enquanto educadoras ou educandas¹⁰ que já tiveram contato e vivências com as práticas do Futebol Callejero. Porém, nesse momento optamos em trazer para essa escrita as vivências e trajetórias das ex educadoras do programa, totalizando 09 participantes. A construção dos dados iniciais foi através de um grupo de *Whatsapp* que iniciou em meio à pandemia em março de 2022. Logo após a flexibilização dos protocolos de prevenção ao Covid-19, realizamos encontros presenciais através de práticas de futebol e conversas em grupo, bem como entrevistas semi-estruturadas individuais e elaboração de diários de campo destes distintos momentos de encontro. Todas as entrevistas realizadas para esse estudo foram gravadas

¹⁰ A nomenclatura “Educadora/Educador” vem da opção do PEI em chamar as pessoas referências do programa nas atividades, na organização, planejamento e gestão, devido ao fato da proposta se aproximar à educação social. As ex educadoras que foram entrevistadas na época, atuaram no programa em sua maioria enquanto acadêmicas do curso de Educação Física da Unisinos, tendo também uma acadêmica do Serviço Social da Universidade e uma jovem aprendiz, que também atuavam como referência junto às atividades do programa. A nomenclatura “Educanda/Educando”, vem com a mesma proposta da aproximação do PEI com a educação social, e nesse caso seriam as crianças e adolescentes que participam do programa.

e transcritas. A presente pesquisa foi aprovada no Comitê de Ética da UFRGS, protocolo: 53185921.6.0000.5347.

O processo analítico foi desenvolvido a partir da sociologia pragmática, também denominada como Sociologia da Crítica, que em um caminho inverso à Sociologia Crítica (que delega a capacidade de prover a crítica aos pesquisadores), visa a compreensão dos momentos, das situações, onde as próprias pesquisadas e pesquisados são os principais atores dessa construção, apontando suas críticas nesse processo, ou seja, a capacidade crítica é delegada às/os participantes da pesquisa. A Sociologia Pragmática teve seu início na França em torno da década de 1980. Luc Boltanski é um dos seus precursores e conforme ele, uma das principais preocupações dessa sociologia é como as pessoas colocam em prática seus ideais de justiça se engajando às críticas, justificando suas ações e convergindo aos acordos. E através desse olhar e desse processo analítico, que iremos apresentar os resultados a seguir.

3. MULHERES NO PEI: ACESSANDO O GÊNERO ATRAVÉS DO FUTEBOL CALLEJERO

A partir desse momento iremos trazer algumas pistas sobre como as participantes deste estudo viveram o PEI e o Futebol Callejero junto às suas construções e trajetórias como mulheres. Para isso nos propusemos a fazer um exercício de olhar simetricamente, ou seja, de acordo com Boltanski “renunciar à forma sob a qual a sociologia crítica concebia a assimetria entre o pesquisador e os atores” (2016, p. 144). Exercício esse que coloca as participantes da pesquisa enquanto protagonistas de suas críticas, construções e desconstruções junto aos espaços que estão sendo analisados com e a partir delas.

Tendo em vista as falas que pudemos acessar junto às participantes desta pesquisa, o PEI e o Futebol Callejero podem ser entendidos como um ‘espaço de crise’ uma vez que provocam questionamentos e dúvidas nestas mulheres sobre suas vidas e realidades. As experiências que vivenciam nestes espaços, em especial no futebol, fazem elas terem ações, argumentarem e justificarem sobre as questões de gênero. É em todo o processo que constitui o Futebol Callejero que elas colocam em prática seus ideais de justiça em relação às desigualdades que o esporte carrega entre homens e mulheres e se engajam às críticas, justificando suas ações e convergindo aos acordos que resultam na maneira com que hoje são mulheres. Diante das falas das ex educadoras do programa fica evidente que é através do PEI e do Futebol Callejero que elas acionam

questões relacionadas à espaços de formação, hegemonia esportiva, quebra de estruturas sociais como o machismo, raça e gênero. Elas apontam esses momentos junto ao programa como âmbitos políticos, uma oportunidade de encontro junto a outras mulheres, um local de escuta e de fala e ao mesmo tempo mencionam também enquanto um contexto desafiador, um espaço de desconstrução, construção e rompimento de estruturas hegemônicas.

Diante disso, a seguir abordaremos suas trajetórias iniciando pelo que elas trazem sobre a importância de ter momentos entre mulheres em que se possa falar sobre futebol e a partir disso repensar esses espaços e ter a oportunidade de desconstruir algumas coisas em suas vidas. Em seguida seguiremos dialogando junto ao que elas trazem sobre as vivências com o Futebol Callejero e a relação do programa em suas trajetórias. Importante dizer que suas participações foram marcadas principalmente pelo lugar de fala e de experiências pessoais antes, durante e depois de vivenciarem o PEI e o Futebol Callejero nesse contexto.

3.1 “É difícil, é sofrido, é dolorido”: desconstruções hegemônicas a partir da vivência do Futebol Callejero no PEI

Nesse momento, optamos por iniciar refletindo juntamente ao que as participantes desse estudo trazem, sobre os objetivos de projetos sociais esportivos e sua inserção junto às realidades de quem frequenta. Pensar os projetos sociais esportivos, como âmbitos desafiadores, por vezes difíceis, seria algo distante do que imaginaríamos inicialmente, mas que com essa pesquisa, conforme relatos das ex educadoras, o PEI e o Futebol Callejero, aparece como uma oportunidade de vivenciar desconstruções de coisas que já se davam como estruturadas ou em construção em suas vidas, e a partir disso, passa a ser algo desafiador em suas realidades. O nosso exercício de partimos de um olhar ‘simétrico’, amplia as possibilidades de pensar os espaços de projetos sociais esportivos como diversão, prática esportiva e de lazer. O que antes, quem sabe, vinha silenciado pelo próprio capital político e social que esses espaços têm por si só junto as suas relevâncias sociais, emerge a partir do que as mulheres participantes trazem sobre. Espaços de diálogo e escuta a partir do Futebol Callejero no PEI, passam ser a voz do que poderia estar silenciado se não houvessem essas oportunidades, importante dizer que essas vozes são a partir das mulheres participantes, o que muitas vezes, em projetos sociais esportivos, ainda mais com a prática do futebol acabam sendo âmbitos de participação de meninos, onde as meninas que frequentam por vezes passam a não

serem escutadas. A partir do que a Sociologia Pragmática nos traz, onde escutar as atoras e atores e levá-las/los a sério é uma de suas premissas, traremos diante disso, sobre a trajetória das ex educadoras no contexto do PEI junto ao Futebol Callejero e aos processos de desconstruções em vários contextos de suas vidas trazidas em suas falas e experiências.

O PEI aparece como um espaço de perceber o esporte de outra forma, que não apenas a competição pela competição e o futebol hegemônico, mas também um espaço de encontro junto a outras meninas. “Então ali eu fui descontruindo isso assim, de me dar conta do quanto eu queria quando eu era criança aquele espaço de compartilhar o futebol e ter outras meninas pra jogar comigo” (Trecho de entrevista em grupo realizada em 28 de maio de 2022 na fala da Ex Educadora B). Esse relato aponta, a solidão por vezes, de estar jogando enquanto menina apenas entre meninos e que no PEI e no Futebol Callejero, teve a oportunidade de vivenciar e desconstruir diante de suas experiências anteriores com o futebol de competição, para também um espaço que possibilita o compartilhar. A mesma participante, menciona que a partir do acesso à prática do Futebol Callejero, teve a oportunidade de vivenciar espaços onde as meninas poderiam falar, não somente entre sí, mas junto aos meninos também, algo que em sua infância não existia.

Nunca gurias eu consegui fazer isso enquanto eu estava num jogo com os guris, né, era só uns empurrão mesmo, tipo assim, nem vou responder e saía de medo mesmo e dava uns empurrão e saía. E tipo, quando eu chego ali e vejo esse momento onde a gente senta pra discutir sobre as nossas regras, sobre o nosso jogo, a gente vai propor e a gente joga o jogo todo, e a gente senta pra debater ele (Trecho de entrevista em grupo realizada em 28 de maio de 2022 na fala da Ex Educadora B).

A mesma complementa sobre a importância de ter espaço do direito a fala e escuta entre as meninas, pois em sua época não haviam momentos como esse. Diante desses relatos, percebemos a relação que a participante faz, com suas experiências de vida anteriores junto ao futebol, à sua infância e adolescência, trazendo para a reflexão a pauta de geração e de tempo, onde há tempos atrás não existiam espaços como esses, pelo menos em suas vivências anteriores, e que as meninas participantes do PEI estão tendo essa oportunidade diante da prática do Futebol Callejero. “E tipo, poxa vida, porque isso, quando eu falei, quando a gente senta na roda, e escuta as mulheres falando, as gurias falando ali, cara, isso é demais, porque na minha época não tinha isso. Essa oportunidade do direito a fala não tinha” (Trecho de entrevista em grupo realizada em 28 de maio de 2022 na fala da Ex Educadora B). Pensando a fala como uma possibilidade de se colocar, se posicionar e de ser escutada, acreditamos que nesses

momentos elas fazem agir, elas acionam seus anseios, seus sentimentos e se colocam, através da voz e da escuta, desconstruindo coisas em suas vidas, onde as relações de gênero perpassam nessas questões.

Elas trazem o PEI como algo desafiador que oportuniza desconstruções de ser mulher em diversas situações, como na questão da idade e de estar à frente de uma atividade de futebol com o grupo de adolescentes (13 à 17 anos), como mesmo menciona uma das participantes:

Era muito desafiador pra mim era a pouca diferença de idade né porque eu era bem mais novinha assim, quando eu estava no PEI, eu devia ter uns dezenove anos eu acho, vinte no máximo. E pegar aquele grupo de ‘adols’ assim pra mim era muito desafiador. Exatamente. E outra questão né, de eu ser mulher, de estar ensinando o futebol, então isso era um desafio imenso, mas também é algo que, que nos modifica muita coisa na nossa cabeça né interna na gente assim, a gente cria muito mais segurança, eu pelo menos tenho muito mais segurança assim pra trabalhar depois, fora do PEI assim (Trecho de entrevista em grupo realizada em 28 de maio de 2022 na fala da Ex Educadora A).

A mesma menciona o espaço do PEI como uma oportunidade para desconstrução de coisas. “Eu acho que o PEI assim,... Tem muito disso, né? De desconstruir as coisas.”

Que eu vim de uma família assim, muito, muito machista, né, homens machistas e mulheres com comportamentos machistas. E talvez, se eu não tivesse, eu sempre falo isso, talvez se eu não tivesse passado pelo PEI, muitas das coisas que minha, minha avó viveu, minha mãe viveu, minhas tias viveram, talvez eu estaria vivendo hoje assim, foi algo que, que mudou completamente. Acho que isso é bem importante assim falar, né, porque as vezes a gente acha que é só na área esportiva, ali do futebol, não, e não é assim. O empoderamento de mulheres é, o futebol assim, mudou a minha vida, com certeza (Trecho de entrevista em grupo realizada em 28 de maio de 2022 na fala da Ex Educadora A).

Através desses relatos, podemos perceber o espaço do PEI e do futebol, como atores importantes nas desconstruções relacionadas à reprodução do machismo, tanto no futebol, quanto em seu ambiente familiar, fortalecendo-a, para outros espaços em que vier atuar enquanto mulher em sua profissão e também quanto ao empoderamento e desconstrução de uma determinada forma de ser mulher na sua família. Os relatos apontam também para marcadores sociais, como a raça e gênero mencionado pela mesma participante do relato anterior, no que se refere ao machismo; sobre além da questão de ser mulher, ser negra: “Eu quando entrei no PEI, eu me via muito agressiva, porque também né, era futebol, competição aquela coisa toda. E querendo ou não, isso que a Andressa trouxe, né? De ser uma mulher negra. A gente às vezes cria uma casca, né?” (Trecho de entrevista em grupo realizada em 28 de maio de 2022 na fala da Ex Educadora A). Esse relato, nos permite refletir, sobre a violência enquanto um marcador que reflete no ambiente esportivo atrelado às questões de gênero e de raça. Essa “casca”

trazida em sua fala, diante deste ‘momento de crise’ que a sociologia pragmática nos traz, seria um modo de agir, um modo de acesso, e de defesa diante das estruturas hegemônicas, uma tentativa, e até mesmo, um entendimento que a possibilita visualizar estratégias para rompê-la.

Pensando o PEI e o futebol, segundo às participantes, como vivências significativas nas trajetórias das mulheres, aparece novamente como oportunidades de reflexão sobre suas vidas, no que diz respeito à reproduções, repetições e de geração entre as experiências de um ser mulher em suas realidades e na sociedade, como é trazido em uma das falas:

Eu fui, eu fui entender o que que era sobre empoderamento de mulheres, feminismo no PEI e a gente começa a ler sobre muitas coisas né. Começa a entender com que tipo de pessoa que a gente tá se relacionando, então abre muitas portas mesmo. Talvez se eu não tivesse passado pelo PEI, muitas coisas na minha vida teriam se repetido, como foi com a minha avó, com a minha mãe. Então o futebol ele para mim foi uma ferramenta importantíssima assim, pra várias coisas na minha vida (Trecho de entrevista em grupo realizada em 28 de maio de 2022 na fala da Ex Educadora A).

A fala anterior aciona as experiências de vida, bem como a reprodução de estruturas hegemônicas. Outras mulheres fizeram relatos semelhantes no encontro em grupo, houve diálogos entre ex educadoras, que possibilitou a seguinte fala:

Eu, uma mulher, uma criança, uma menina que tinha dificuldade de acessar o futebol, que queria muito isso e era muito difícil, era muito dolorido e sofrido por conta das falas dos meninos. Quando eu entro pra ser educadora, eu priorizo os meninos ainda. Ainda não estava priorizando as meninas. Eu fazia o processo para a questão da competição, porque os meninos jogam melhor, porque os meninos são mais organizados, porque tem 10 meninos e tem duas, né? Eu vou conseguir fazer time com 10 e não com duas, então a gente segue no ciclo dos padrões. Repetindo, repetindo, repetindo aí, quando a gente tem, por vezes esse espaço que traz algo para a gente discutir que traz algo para a gente refletir e aí a gente começa a se perceber, e eu, (expressão de susto) cara, eu, uma mulher que sofreu muito com isso, estou priorizando os meninos, não que eu não tenha que priorizar os meninos, excluir eles, não é isso. Mas eu, enquanto mulher, enquanto mulher, que gosta de futebol, que sofreu com isso no sentido não é sofrer de..., mas sofrer do tipo assim, foi difícil assim, né? A caminhada foi difícil, então eu preciso ter um olhar diferenciado para as meninas e tentar buscar mais e tentar tipo isso é, me desconstruindo com essas coisas (Trecho de entrevista em grupo realizada em 28 de maio de 2022 na fala da Ex Educadora B).

A conversa segue tratando de questões raciais, de gênero, de preconceitos vividos por elas e de como agem para se proteger, se defender em algumas situações. Onde mais uma vez o PEI aparece como um espaço de desconstruir coisas, e que esse processo de viver essas desconstruções é doloroso, onde uma de suas estratégias vivenciadas no PEI, é o exercício de ouvir, de escutar. A escuta como oportunidade de desconstruir, mas que conforme elas, isso leva tempo, pois “a gente está sempre se desconstruindo. A gente traz muitas coisas assim, seja das nossas vivências, no âmbito

familiar ou lá do nosso bairro, e que com o tempo, a gente acaba tendo que, que desconstruindo e isso é difícil às vezes” (Trecho de entrevista em grupo realizada em 28 de maio de 2022 na fala da Ex Educadora A). Logo em seguida na conversa esse relato é complementado por outra participante: “é difícil, é sofrido, é dolorido” (Trecho de entrevista em grupo realizada em 28 de maio de 2022 na fala da Ex Educadora B), e logo aparece novamente a desconstrução hegemônica como algo doloroso. “Então a gente tem que estar sempre olhando para si e tentando se desconstruir, mas realmente, às vezes é meio doloroso assim” (Trecho de entrevista em grupo realizada em 28 de maio de 2022 na fala da Ex Educadora A).

Percebemos diante dessas contribuições, que o PEI, junto à prática do Futebol Callejero, através dos espaços de diálogo e escuta que são propiciados, são vivenciados pelas mulheres como uma oportunidade de reflexão sobre suas vidas, bem como de desconstrução de algumas coisas relacionadas à elas, que esse processo pode ser doloroso, e que através desses relatos, a ação e as pautas que elas trazem enquanto estratégias de viverem esses espaços, bem como em suas vidas, seria o exercício da escuta e do diálogo vivenciados por elas nesses âmbitos.

Tendo em vista a Sociologia Pragmática, bem como a noção de crise, pensando em como elas agem em determinadas situações, como acionam e justificam suas ações, o PEI junto a prática do Futebol Callejero, vem como um ‘espaço de crise’ e de desconstruções, onde essas vivências são atravessadas pelas oportunidades de fala e de escuta, e esses atravessamentos acabam por tornar essas experiências e esse processo de desconstrução, por vezes doloroso. Podemos observar diante da fala de uma das participantes, que mais uma vez o PEI é visto como um espaço desafiador, quando ela traz em sua fala “o PEI foi dos espaços que mais me desafiou assim. Emocionalmente, ãã, tecnicamente assim, na, na questão profissional, né, tipo, será que eu sou isso é, será que é isso mesmo? Porque é muito difícil” (Trecho de entrevista individual realizada em 24 de novembro de 2022 na fala da Ex Educadora C). Seu posicionamento refere-se ao desafio de dar conta de demandas profissionais e emocionais, que segundo ela:

o difícil do PEI é tu conseguir conciliar tudo que ele, que ele traz assim, né. Ele traz uma carga emocional... Eu saí total da minha zona de conforto. Porque na minha cabeça, programa de esporte integral, tô em casa né. Já trabalhava com criança, já tinha tido experiência com criança. Eu tava em casa, e eu tava assim, bah isso aqui é barbada, isso aqui eu vou me virar muito bem, eu vou me destacar, fácil, vai ser muito fácil pra mim, eu vou tirar de letra e eu tenho esse otimismo comigo...risos... (Trecho de entrevista individual realizada em 24 de novembro de 2022 na fala da Ex Educadora C).

De acordo com essas contribuições, podemos refletir, sobre a hegemonia esportiva, onde as experiências anteriores dessa participante levaram a pensar o espaço de um projeto social esportivo, como sendo um experiência que poderia ser “fácil” junto as suas práticas. Nesse contexto, percebemos suas falas sobre vivências anteriores ao PEI, marcadas pela ideia de “controle” dos grupos e atividades esportivas, onde no programa era algo que a desafiava, pois a ideia era diferente, tendo em vista a autonomia, o protagonismo e o exercício da escuta e do diálogo junto à prática do Futebol Callejero como um dos principais objetivos, onde controlar seria algo que vai no caminho contrário da proposta.

Eu não conseguia ter o controle né, porque eu tava acostumada, na minha outra experiência no estágio a ter o controle, enquanto professora. E aí eu chego aqui no PEI e aí, primeiro, a proposta é totalmente diferente de tudo o que eu já tinha visto. Não tinha encontrado uma proposta desse jeito, né (Trecho de entrevista individual realizada em 24 de novembro de 2022 na fala da Ex Educadora C).

O PEI na fala das participantes desse estudo, é um espaço que valoriza as mulheres, um espaço que enaltece e empodera a participação delas, bem como faz refletir para questões que vão além de situações pessoais/individuais, mas que amplia o olhar para o outro também.

Esse enaltecimento da minha pessoa, digamos assim. De eu poder acreditar muito mais no meu potencial, tanto profissional quanto pessoal assim. Mas ele teve um outro papel, que foi o meu olhar para o outro, né. Antes do PEI eu não olhava para as pessoas como eu olho hoje, né. Eu não olhava pro morador de rua como eu olho hoje, eu não olhava pra uma criança no sinal, por exemplo, quando eu olho hoje, não que o PEI romantizou isso, ou, de certa forma me fez sentir pena dessas pessoas, mas o PEI me fez pensar, por que ela está nessa situação, né? (Trecho de entrevista individual realizada em 24 de novembro de 2022 na fala da Ex Educadora C).

A mesma completa trazendo que a partir do PEI pôde se colocar em situações que nunca havia se colocado anteriormente “então o PEI me humanizou nesse sentido, o meu olhar, ele ficou muito mais humano. Eu me coloquei muito mais, hoje eu me coloco muito mais no lugar das pessoas, mas foi por causa do PEI, foi porque eu pude enxergar outras realidades” (Trecho de entrevista individual realizada em 24 de novembro de 2022 na fala da Ex Educadora C).

3.2 “Tu é uma pessoa antes de entrar no PEI e tu é outra pessoa depois que tu passa”: elaborando processos de justificações no PEI e no Futebol Callejero

A partir de reflexões que o tópico anterior nos auxiliou a construir diante das compreensões do PEI e do Futebol Callejero enquanto um espaço que possibilita desconstruções, que é desafiador e por vezes doloroso, nesse momento traremos

informações, que demonstram que para além dessas questões também se é possível fazer algumas viradas. Viradas essas que apontam o PEI e o Futebol Callejero como espaços que acolhem, que auxiliam no processo de transformação, de mudança de vida, de encontrar um lugar e ser referência de outros. Um processo de reconstrução onde se é possível fazer diferente dos espaços que apontam as hegemonias, como veremos a seguir junto às participantes.

Pensando esses âmbitos enquanto uma possibilidade de quebra das estruturas hegemônicas, bem como um âmbito que humaniza, a contribuição de uma das participantes desse estudo, coincide junto a essas pautas, trazendo sua trajetória marcada pela sua transição, onde a época que esteve junto ao programa, lhe auxiliou nesse processo, e hoje como uma mulher trans, menciona o espaço do PEI e do Futebol Callejero como uma oportunidade para a participação das minorias, bem como tornar visíveis, o que se deseja invisibilizar, diante do que foge das normas colocadas pela sociedade. “Porque, porque humaniza mais né. Eu acho que futebol callejero, ele torna as coisas mais humanas, né, a possibilidade da, de ser humano, de não ser só uma, uma máquina fazendo uma atividade física, né” (Trecho de entrevista individual realizada em 09 de dezembro de 2022 na fala da ex educadora D). Na época, ela queria muito trabalhar no PEI, tendo esse espaço como uma rede de apoio, que conforme ela “porque eu queria muito trabalhar, no, no PEI. E eu já tinha, assim como uma rede de apoio assim pra mim, porque eu queria muito me entender quem eu era, né” (Trecho de entrevista individual realizada em 09 de dezembro de 2022 na fala da ex educadora D). De acordo com ela, ter mulheres enquanto referências atuando como educadoras no PEI, ajudou ela nesse processo de entendimento de si, pois dentro de sua trajetória de vida, as práticas corporais e esportivas sempre foram negadas para ela de alguma maneira, pois não se “encaixava” dentro dos padrões impostos pelo gênero.

E eu nunca me entendi em gênero nenhum, então quando falava meninos vão fazer isso, meninas, vão fazer aquilo, isso me deixava, “grrrr”, em desequilíbrio, sabe? Sempre, sempre me deixou muito desconfortável isso. E quando eu entrei ali, tinha muitas mulheres de referência (Trecho de entrevista individual realizada em 09 de dezembro de 2022 na fala da ex educadora D).

A palavra “acolhimento” sem julgamentos junto ao PEI e ao Futebol Callejero, aparecem como características desses espaços, bem como os momentos de fala e a oportunidade de serem referências, o que facilita a entrada e permanência das/dos participantes junto ao programa.

Eu vi que realmente eu tenho um lugar. Sabendo, eu não tô, porque eu sempre me senti assim, tipo avulsa, assim não serve para nada, sabe? Sempre

me senti assim. Então, ali eu fui aonde eu fui, fui ganhando espaço pra isso, né, eu ser referência nas coisas, as crianças me terem como referência né. Eu me senti extremamente desconfortável quando eu me tornei o sor ***, né, que daí ficou aquela, aquela referência, porque daí aquilo me incomodava porque não era eu. Eu não era um sor, eu, eu me entendo uma professora, né, e isso me deixou muito desconfortável (Trecho de entrevista individual realizada em 09 de dezembro de 2022 na fala da ex educadora D).

O gênero, na fala dessa participante, foi o principal marcador em sua trajetória enquanto barreiras e dificuldades de inserção nos espaços onde circulava, onde a partir do PEI atuando enquanto referência, passou a se encontrar, principalmente nos âmbitos esportivos, pois o fato das práticas dentro do programa serem realizadas de forma mista, facilitou muito, pois foge dos padrões de gênero nos esportes, que no geral são divididos por sexo.

Todo espaço que eu, que eu tentei como atleta, como bailarina, como alguma coisa sempre foi negado para mim, por ser quem eu sou. Todos os lugares que eu cheguei, ninguém, nunca deixaram eu participar de nada. Então, eu busquei me tornar alguém que ensina. Ser professora foi, é, foi o que eu vi assim, tipo, eu vou participar, eu vou ser professora. O meu lugar vai ser ensinando, né (Trecho de entrevista individual realizada em 09 de dezembro de 2022 na fala da ex educadora D).

A partir dessas contribuições, podemos perceber o espaço do PEI junto ao Futebol Callejero, enquanto um espaço de encontro com outros e consigo mesmo, onde as práticas mistas, junto aos espaços de escuta e diálogo, são os grandes atores nesse processo. Como podemos observar também, ter mulheres enquanto referências no PEI é muito relevante também para essas construções. Outros marcadores são citados no que se refere ao espaço do futebol para as meninas e mulheres, uma construção de luta, onde questões como a sexualidade são colocadas a prova em alguns momentos.

Mas eu vejo que é muito, de muito mais luta. A gente batalha muito mais para conquistar esse espaço do que eles, né? Pode vim qualquer homem pra jogar, né, para participar de um time ou para participar de uma partida. Agora vem dizer que ah, vai vir uma menina, mas ninguém conhece ela. Já vai ser, é, já vai ser bem mais difícil para ela conquistar o espaço dela por todas essas questões. Primeiro, ela vai ser vista como a um corpo bonitinha ou alguma coisa. Primeiro, os homens vão olhar dessa forma, depois se elas não derem uma abertura é sapatão, aí já vai entrar o desrespeito, porque ela não deu liberdade para nenhum homem se passar com ela, né. Daí não, ah, mas ela não é, ah, mas eu gosto de homem, mas, porque que não deu liberdade? Porque sempre vai ficar assim. Eu sempre vejo como a mulher, ela é sempre marginalizada, nos espaços onde ela chega, né? Então eu vejo no futebol a gente sempre chega com mais luta, né, com mais dificuldade (Trecho de entrevista individual realizada em 09 de dezembro de 2022 na fala da ex educadora D).

Tendo o PEI e o Futebol Callejero enquanto importantes atores no processo de se encontrar, de se entender, a participante traz a questão de sua existência a partir desses espaços. “Muito, foi muito isso assim foi. Foi essa permissão da minha existência. Foi o primeiro lugar que me permitiu existir. Foi o primeiro lugar que me disse que eu tinha um, um lugar para fazer alguma coisa, né” (Trecho de entrevista

individual realizada em 09 de dezembro de 2022 na fala da ex educadora D). Importante trazer também, que em sua fala, isso tudo está muito relacionado com o Futebol Callejero enquanto uma porta de entrada para conversar e debater sobre as coisas.

Mas eu vejo assim, o, o futebol callejero como uma força maior, porque tu abrange todo mundo, né? E pensando como uma pessoa trans, não existe só a minha possibilidade, não existe só o feminino e masculino, existem as pessoas não binárias, né? E que hoje eu vejo assim, são pessoas que não se vêem nas atividades físicas, né, pessoas trans não se vêem na nas atividades físicas por conta do gênero, né (Trecho de entrevista individual realizada em 09 de dezembro de 2022 na fala da ex educadora D).

Diante dessas contribuições podemos refletir o Futebol Callejero como uma oportunidade, como ela mesma diz, no que se refere a inclusão das minorias, onde cita o público LGBT, as pessoas e mulheres negras com mais dificuldade de acesso e permanência ao futebol hegemônico.

Em relação a questão dos desafios da participação das meninas junto ao Futebol Callejero, uma das participantes quando questionada sobre isso, traz esse espaço como algo a ser construído, pois segundo ela é muito desafiador, pois os meninos algumas vezes passam a invisibilizar as meninas no jogo. Essa construção juntamente aos desafios, aparece em sua fala também, a partir de marcadores como o gênero, raça, classe e sexualidade tendo esses espaços de conversa e escuta como importantes para se reconhecerem. “E aí quando começa a se sentir parte de um grupo, sentir parte de, de um local que é acolhido, que é escutado, aí sim começa o processo de autonomia, de se reconhecer, de poder se colocar” (Trecho de entrevista individual realizada em 01 de novembro de 2022 na fala da ex educadora E). Onde a mesma participante argumenta “Porque se não tu, tu continua pensando que não é capaz de fazer algo, pela tua, cor, pela tua orientação sexual, pela tua questão da classe econômica, então acaba questão da autoestima, né”. Diante disso, observamos em sua contribuição que a ação das meninas frente aos desafios é dada a partir de um processo de construção, a partir do diálogo e da escuta junto aos seus posicionamentos e que esses momentos são importantes para se reconhecerem em suas vidas e naquele espaço. As questões relacionadas aos processos de se reconhecer, de fazer parte e de se incluir em espaços que fogem dos padrões impostos pela hegemonia social, parecem centrais na trajetória das mulheres.

Importante trazer, que a vivência junto ao PEI da ex educadora E, vem com um olhar diferente das demais, no sentido interdisciplinar, pois sua formação e visão dentro das práticas do programa estavam relacionadas à área do Serviço Social, uma das importantes atuações junto a esse espaço. De acordo com ela o PEI junto ao Futebol Callejero foi um importante ator no processo de desconstrução do que seria o esporte,

pois suas vivências anteriores, que foram na educação física escolar, não lhe traziam boas lembranças, onde algo que pudesse relacionar com essas práticas, afastavam ela desses espaços. Interessante pensar que essa oportunidade de estágio junto ao PEI, um projeto social esportivo, foi algo que ela não imaginava pra sua vida, devido a suas experiências anteriores.

A educação física pra mim era uma tortura. Pra falar bem a verdade. Porque até teve um momento que eu consegui um atestado para não fazer educação física e depois eu mudei no ensino médio, tu podia optar por fazer educação física, que era no contra turno ou se tu comprovasse que trabalhava, tu não precisava fazer. E eu sempre evitei, fugi. Uma, porque eram... sempre os meninos, ali que tomavam conta de tudo, então as meninas ficavam sentadas, conversando e às vezes jogavam vôlei. E...E eu sempre tive complexo assim, porque... Acho importante ter, ter na gravação, eu desenvolvi seio muito rápido. Então assim, na educação física, eu ouvia muita coisa assim, piadinha, então eu ficava com vergonha de correr, de jogar assim. Isso foi um dos fatores essenciais para me afastar total assim da educação física. Quando eu tive oportunidade de não ir, eu não fui mais. E foi por isso (Trecho de entrevista individual realizada em 01 de novembro de 2021 na fala da ex educadora E).

Segundo ela, no PEI sua visão sobre o esporte começou a mudar, “muito pela visão assim, de, todo mundo participando juntos sem... não sentir aquele olhar de julgamento, sabe? (Trecho de entrevista individual realizada em 01 de novembro de 2022 na fala da ex educadora E). Diante desses relatos, refletimos o espaço da educação física escolar em sua trajetória enquanto algo que a afasta desse contexto, mas que a partir do PEI, passa a desconstruir conceitos esportivos hegemônicos que passam a ideia de cobrança, intolerância aos erros e corpos ideais. Essa desconstrução, segundo ela, vem muito do espaço do programa enquanto diversão, sem julgamentos, de poder ser quem se é, onde a agência está na oportunidade de se reconhecer, se encontrar e fazer parte de algo, bem como, do incentivo dado nesses espaços do ‘eu posso’, onde segundo ela:

Todo mundo tem a sua característica, o seu potencial, mas muitos guardam isso e se apagam por não ter um espaço onde, pode mostrar, pode demonstrar ou é estimulada isso, sabe? Então, muita coisa, muita gente, muita mulher especificamente, guarda as suas potencialidades, porque não tem um espaço que possa demonstrar isso. E ter como no PEI um lugar, pra se desenvolver e se descobrir, se reconhecer, é muito importante. Muito importante, mesmo (Trecho de entrevista individual realizada em 01 de novembro de 2021 na fala da ex educadora E).

A partir disso, refletimos sobre a agência das participantes em determinadas circunstâncias vivenciadas no PEI junto ao Futebol Callejero, onde exercícios de reflexão pessoal passam a fazer parte, como mesmo a ex educadora E traz o PEI enquanto liberdade, reconhecimento de si próprio e do grupo, atrelado a questões como: “É muita coisa assim ó, onde eu estou? Onde eu me localizo? Quem eu sou? Sabe?

Refletir sobre isso assim, é muito importante. E aqui no PEI proporciona isso” (Trecho de entrevista individual realizada em 01 de novembro de 2022 na fala da ex educadora E). Dialogando com o início de sua contribuição, diante de suas experiências anteriores ao PEI que a afastava de questões relacionadas ao esporte, escolhemos por dialogar nesse momento, e não como um ‘encerramento’ mas como algo em movimento, pois seguiremos com as contribuições das demais participantes, pensando que a desconstrução do esporte hegemônico, para a ex educadora E, se dá partir do PEI, com a visão esportiva diferente, interligando ao mesmo tempo com as relações sociais no mundo, como ela mesma menciona. “Então não é só a questão do esporte e sim tudo o que vem junto. Dar risadas, discutir e depois conversar, se resolver e daí dar mais risada, ganhar, perder, tudo isso é, é o mundo assim, né? (Trecho de entrevista individual realizada em 01 de novembro de 2022 na fala da ex educadora E).

A partir dos relatos trazidos, percebemos que as contribuições das participantes junto as vivências no PEI e no Futebol Callejero, vieram atreladas as suas experiências vividas anteriormente, cada uma a sua forma e a sua maneira e que principalmente estão ligadas ao esporte escolar e vivências de suas infâncias. Percebemos junto à fala de uma das ex educadoras, que estudava educação física em outra universidade, mas que estava enquanto jovem aprendiz junto ao programa, uma trajetória marcada por preconceitos nos espaços em que circulava, referentes ao fato de gostar de jogar futebol, mas que ao conhecer o Futebol Callejero no PEI, passou a ver outras possibilidades de inserção das meninas nesses espaços, algo que não havia vivenciado anteriormente em sua trajetória.

Mas que o Futebol Callejero, ele é uma oportunidade de tu ser inclusa e tu vivenciar outras realidades também, né. Então, eu acredito que o Futebol Callejero, ele além de incentivar a inclusão, né, de incluir a mulher no futebol, isso inclui a mulher com o homem também no futebol, porque não tem, não faz sentido. Não, não pode jogar os dois juntos, os dois gêneros, né. Jogar os dois juntos. Então, eu acredito que sim, é uma inclusão, é um assunto que desperta. Quando foi falado para mim referente a isso, me despertou bastante curiosidade, né, devido à minha história de nunca ter, sempre ter meio que na obrigação de participar e sendo excluída (Trecho de entrevista individual realizada em 21 de novembro de 2022, na fala da ex educadora F).

De acordo com ela, expressões como “machinho” eram proferidas a ela nos espaços em que jogava futebol anteriormente, na comunidade, escola, família, chegando mesmo a ouvir de algumas pessoas que o fato de gostar de jogar futebol era para ficar próxima aos meninos. Mais uma vez, os relatos vêm marcados pelos preconceitos de gênero e sexualidade, no sentido de ser mulher e ser comparada a um homem, por praticar algo como “dito masculino”, ou ainda atrelado ao fato de estar próximo dos

meninos no sentido de “flertar”, onde o sentido significado real da mulher gostar de futebol, acaba sendo invisibilizado por estas estruturas sociais.

“Ah, tu gosta de falar de futebol só para ficar perto dos guris mesmo...”. Então... E era uma coisa, tipo, “ah, sai daí”. E hoje eu penso, poxa, né! Eu era uma criança, eu era uma adolescente, eu só queria falar de futebol com alguém que falasse, e daí alguém jogava uma piada dessa. Então, parece que a gente quer se incluir nesse âmbito do esporte, do futebol, que é uma coisa muito masculina, para tá perto dos homens. Então, tem gente que ainda pensa dessa forma e é só que é uma desconstrução que a gente vem se desconstruindo já há bastante tempo Graças a Deus (Trecho de entrevista individual realizada em 21 de novembro de 2022, na fala da ex educadora F).

De acordo com ela no PEI junto ao Futebol Callejero, os meninos sabem como funciona o jogo e esse espaço, fazendo com que as meninas entrem mais tranquilas, o que em sua fala, novamente relaciona com sua experiência anterior, no que se refere ao processo de inclusão do time. “Tu não vai ter que conquistar o teu espaço, lutar por ele, assim como eu tive que fazer. Então, acho que é um espaço que tu entra assim mais confortável e consegue assim jogar e fazer a tua, não precisa se machucar tanto, eu acredito” (Trecho de entrevista individual realizada em 21 de novembro de 2022, na fala da ex educadora F). Junto a esse processo de inclusão das meninas, nos parece que o fato de se enxergar nesses lugares, nessas construções, relacionando com suas experiências anteriores é o grande processo de justificação do modo como agem e vivem esses espaços junto ao Futebol Callejero e ao PEI. Também é possível perceber que essa prática desperta possibilidades que antes em suas trajetórias eram impensadas, como o fato de poder se colocar, serem escutadas, construir as regras do jogos, serem protagonistas junto aos meninos. “Então, eu acredito que o futebol, ele traz algo que iguala muito as mulheres aos homens, é uma coisa que é uma metodologia que se encaixa muito com a diversidade do grupo, né? Vai ter grupos que realmente querem uma regra diferente, né?” (Trecho de entrevista individual realizada em 21 de novembro de 2022, na fala da ex educadora F). Ela vê na diversidade do grupo e na flexibilidade de construir as regras do jogo, como uma agência que facilita a inclusão das mulheres, bem como a não distinção entre os meninos e meninas, tendo as mesmas oportunidades de participação.

Pensando na questão trazida anteriormente, sobre a prática do Futebol Callejero se relacionar com a diversidade do grupo, a ex educadora G, traz reflexões, onde para ela cada jogo é único, dependendo das pessoas e culturas que estão inseridas no processo, comparando inclusive com o futebol hegemônico, no qual aponta para um futebol com receita pronta, ao contrário do que seria o Futebol Callejero. Essa reflexão é feita a partir da vivência que teve junto às atividades do PEI e também a algo que a

marcou muito, não somente a ela, mas a grande maioria das participantes dessa pesquisa que tiveram a oportunidade de vivenciar a Escola Regional de Mediadores¹¹.

Ah é muito legal, o Futebol Callejero, ele é um futebol colhedor, né, tenho pra mim assim, porque uma coisa é tu trazer o futebol, onde tá tudo pronto, aí o gol é feito aqui, e não, não, não. Tá, mas por quê? Por que isso é assim? É tu explicar uma coisa que é uma receita pronta, né? Explicar aquilo ali e passar todo dia a mesma coisa de uma receita pronta. E o futebol Callejero diz não, o futebol está aqui. O que que vocês entendem sobre futebol? O que que é para vocês o futebol e através do que que é pra ti a gente vai montar o nosso. Então ele se torna meio que único, né? (Trecho de entrevista realizada em 17 de novembro de 2022 na fala da ex educadora G).

Segundo ela, o Futebol Callejero é a possibilidade de formar a “nossa receita”, por isso ele se torna único a cada partida, onde as pessoas podem trazer suas histórias, seus conhecimentos e suas culturas. A experiência junto a Escola Regional de Mediadores, a possibilitou também pensar para além das práticas de rotinas do PEI, sobre cada jogo ser único a partir dos atores e atoras envolvidas no contexto. “E ali são culturas diferentes, e eles traziam a própria cultura deles para dentro das regras deles e formavam diferente” (Trecho de entrevista realizada em 17 de novembro de 2022 na fala da ex educadora G). Quando questionada sobre a importância da mediação e resolução de conflitos junto ao Futebol Callejero a participante traz como importantes para o reconhecimento de si diante dos espaços de escuta e de diálogo. “Que nem eu disse né, no momento que alguém fala e alguém te escuta, tu vai às vezes até afirmando aquilo que tu pensa, aquilo que tu entende por você mesmo assim”. A mesma participante, relata um conflito entre ela, que naquele dia estava trabalhando em dupla com outra colega, no qual por serem mulheres a frente de uma atividade de futebol junto ao grupo de adolescentes, acabaram sendo desmerecidas por dois educandos, desrespeitando-as, no qual dois educadores homens precisaram intervir para auxiliar na resolução dessa situação. Conforme ela, logo após uma conversa, acabaram pedindo desculpas a elas. Podemos perceber junto a esse relato, que as relações e preconceitos de gênero nesse momento, foram acionadas, de modo que a voz delas naquele momento não foi ouvida, pois precisou de uma voz ou vozes masculinas para contornar a situação. Quando questionada como se sentiu ela relata:

¹¹ Escola Regional de Mediadores foi um evento que reuniu cerca de 90 jovens de países como a Argentina, Brasil, Chile, Paraguai e Peru, no qual o PEI foi a sede desse encontro. O objetivo foi a formação de mediadores para o desenvolvimento do Futebol Callejero, onde esse momento foi a prática do curso que estava sendo realizado de forma virtual entre as/os jovens. Temas eram debatidos como: direitos humanos, feminismo, esporte social e mediação de conflitos junto ao Futebol Callejero. Esse evento aconteceu no ano de 2019. Maiores informações no endereço: <https://www.unisinos.br/noticias/encontro-de-futebol-callejero/>

Desmerecida como sempre né, a nossa voz, parece que nunca é ouvida e que a gente não sabe o que a gente está fazendo e só porque ele é homem e joga futebol desde os 2 anos de idade, ele sabe muito mais que a gente que passou uma vida inteira estudando para aquilo ali (Trecho de entrevista realizada em 17 de novembro de 2022 na fala da ex educadora G).

Inclusive relata que vivencia isso no seu dia a dia de trabalho atualmente, onde por vezes é questionada por colegas homens em determinadas situações e decisões tomadas por ela. De acordo com o relato a seguir, o PEI seria uma rede de apoio, onde ela aciona em alguns momentos, no qual o ato de falar seria algo que o PEI a ajudou muito em seu processo de construção pessoal. “Eu consegui trazer esse processo da rede de apoio, assim sabe, de tu conversar e dizer o que está te incomodando.” Pensando na maneira que agem, justificam e que se situam nesses espaços, essas contribuições nos parece estarem atreladas aos processo de diálogo e de escuta, ao jogo ser único onde “a nossa receita” passa a ser o modo de ação na construção dessas trajetórias, onde o PEI, de acordo com o relato a seguir, é o lugar que faz pensar, que sacode, e que balança sobre as diferentes visões de mundo, que antes já eram dadas como construídas em suas vidas.

Tu deve ter ouvido isso a tua vida inteira né, que depois que tu passa pelo PEI, a tua vida muda, que o PEI vive em ti e nanana, e é verdade, tu é uma pessoa antes de entrar no PEI e tu é outra pessoa depois que tu passa. A vida, parece que vem te dá dois tapas na cara, te sacode e diz assim, tá agora tu acordou, agora tu caminha. É completamente diferente e é algo que eu acho muita, bah, muita gente deveria passar, muita gente deveria experimentar. Muita gente deveria olhar o outro lado da moeda. Vivenciar, conviver com que tenha que, com o que tem em volta (Trecho de entrevista realizada em 17 de novembro de 2022 na fala da ex educadora G).

Diante disso, muitas questões e atravessamentos são colocados junto às falas das participantes que nos fazem refletir e pensar a noção de “justificação”, onde as elaborações, entendimentos e trajetórias de cada pessoa ao serem compartilhadas, passam a gerar engajamentos diversos e com isso importantes modificações nos modos de agir. Suas experiências anteriores e vivenciadas no PEI e no Futebol Callejero foram trazidas através das falas, o que nos faz pensar sobre essas vozes, onde os espaços de diálogo e de escuta em um projeto social esportivo, se concretizam em elaborações de operações críticas e também como atores/as importantes que tornam esse espaço, como elas mesmas trazem, um espaço que humaniza.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Refletindo junto às contribuições trazidas pelas participantes desse estudo, onde são mencionados muitos elementos, poderíamos ter fragmentado sobre em como as participantes viveram o PEI, e logo em seguida contextualizado em como foram suas

experiências junto ao Futebol Callejero, cada um em seu tópico. Porém, ao acessar as informações, o campo foi apontando o PEI e o Futebol Callejero como uma prática em que não se consegue desmembrar, pois todas as suas atividades e seus modos de trabalhar e enxergar o esporte, são pautados pelas questões relacionadas aos debates sobre as relações de gênero, direitos humanos, espaços de diálogo e de escuta, exercício da liberdade, protagonismo e autonomia, como mesmo mencionam as participantes em suas falas.

Com as mulheres participantes dessa pesquisa, entendemos que o Futebol Callejero vivenciado no PEI é o principal meio de acesso ao gênero, onde a partir disso, outras questões de suas vidas tidas como estruturadas, passam a ser questionadas, colocadas à prova, onde os momentos de crise, passam a se constituir enquanto espaços de desconstrução e construção de coisas e de novas visões de mundo.

Diante disso o PEI passa a ser um lugar importante para a elaboração de processos de justificação, que é construído coletivamente, a partir da escuta, do acolhimento, da desconstrução, sendo o gênero o principal ator, que é acessado pelo Futebol Callejero no PEI, mas que também, a partir disso, passam a questionar outras questões, como o futebol, o esporte, as noções de classe, raça e sexualidade, e com isso, através do engajamento das mulheres tornam suas pautas públicas e por isso afirmamos no título deste capítulo de livro que ‘nunca foi só futebol’.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOLTANSKI, L. Sociologia crítica ou sociologia da crítica. In: F. Vandenberghe & J. Vérant (Eds.), **Além do habitus: Teoria social pós-bourdieuiana**. Rio de Janeiro: 7 Letras, p. 129–154, 2016.

CORRÊA, D. S. **Novos Rumos da Teoria Social a partir de três gestos da sociologia pragmática**. Universidade de Vila Velha, Vila Velha, ES, 2020.

CORRÊA, D. S.; DIAS, R. C. **Crítica e os momentos críticos: De la Justification e a guinada pragmática na sociologia**. MANA 22(1): 67-99, 2016.

DOTTO, A. D. **ESPORTE SOCIAL, REDES SOCIAIS E PERMEABILIDADES: Uma análise do Movimento de Futebol Callejero a partir das teorias das Ações Coletivas**. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) - Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Rio Grande do Sul. 2019.

GOELLNER, S. V. **Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades.** Revista Brasileira de Educação Física e Esportes, São Paulo, v.19, n.2, p.143-51, abr./jun. 2005.

MOVIMIENTO FUTBOL CALLEJERO. Carta de Princípios. Argentina, 2015. On line. Disponível em: < <http://movimientodefutbolcallejero.org/movimiento/cartade-principios>> Acesso em 17 de maio de 2021.

ROSSINI, L.; SERRANI, E.; WEIBEL, M.; WAINFELD, M. **Fútbol Callejero: Juventud, Liderazgo y Participación Trayectorias Juveniles em Organizaciones Sociales de América Latina.** FUDE (Fundacion Fútbol para El Desarrollo) 2012.

SILVA GUTIERREZ, C. A.; DOTTO, A.; ALLET, A. **Futebol Callejero, juventude e cidadania.** Lúdica Pedagógica, Bogotá, V. 1, N. 23, p. 19-29, 2016.

SILVEIRA, R.; PACHECO, A. C.; CANEVA, C. S.; MYSKIW, M. Women's leading role in the political struggle for leisure: an ethnographic study in Porto Alegre, Brazil, Leisure Studies, 42:3, 433-446, 2023, DOI: [10.1080/02614367.2022.2070922](https://doi.org/10.1080/02614367.2022.2070922)

Tendências pedagógicas e aproximação com o lazer: os 33 anos do Programa Esporte Integral. 4º CONGRESSO BRASILEIRO DE ESTUDOS DO LAZER. 18º SEMINÁRIO: O LAZER EM DEBATE, IV., 2021, P. 412, Porto Alegre. Anais.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Confesso que escrever a etapa final desta dissertação faz com que uma série de sentimentos venham à tona, diversos momentos e lembranças emergem com muita potência. Ter a oportunidade de realizar mestrado na UFRGS, sempre foi um desejo, um ideal. Estudar sobre o futebol e mulheres, também se concretiza nesse momento. Trazer um pouco da minha trajetória enquanto ex jogadora de futebol, professora de educação física e as experiências vivenciadas pela gente (mulheres do PEI), em um local que tenho muito afeto, me trouxe aprendizagens. Trabalhar na área da educação 60h semanais, estudar, mais as demandas da vida, ao mesmo tempo que foi desafiador (e muito), foi uma motivação para seguir adiante e pensar: é possível! Me recordo das reuniões e aulas online (em meio à pandemia), tudo era novo para mim, aulas na telinha do computador, entaves com os aparelhos, com a tecnologia e com a internet. E apesar do distanciamento, os debates, as construções coletivas, as parcerias e amizades nos aproximaram e deram um outro significado para aquele momento em que estávamos vivendo um período crucial na história da humanidade. Não conhecia presencialmente minha orientadora, professores e professoras, colegas das disciplinas que cursei e também do Grupo GESEF, somente após a flexibilização dos protocolos de saúde, no final do ano de 2021, que fui conhece-los/as pessoalmente. Mas porque trouxe essas questões para as considerações finais? Por que acredito ser de extrema importância contextualizar essa trajetória, para pensarmos que “os finais” nem sempre terminam, e sim, possibilitam escrever outros capítulos de nossa história, como por exemplo, continuar trazendo pautas de luta para o debate, nesse momento da minha vida, não mais como jogadora de futebol, mas como professora, e no momento também, enquanto pesquisadora. Assim, como também as meninas, hoje mulheres ex participantes do PEI, mesmo não estando mais frequentando semanalmente as atividades do programa, puderam contar suas histórias através desse estudo.

Dando sequência, nesse momento irei contextualizar o histórico, bem como os caminhos que escolhemos trilhar para esse estudo junto aos artigos, aos resultados e também ao que o campo nos trouxe junto às participantes dessa pesquisa. Meu projeto para qualificação de mestrado, tema do primeiro artigo de revisão bibliográfica, foi pensado a partir de um garimpo de artigos, dissertações e teses divididos nos seguintes temas de busca: Futebol, Gênero, Projetos Sociais, Movimentos Sociais e Futebol Callejero. Em seguida, após a qualificação, muitas foram as reflexões e aprendizados que tivemos junto às contribuições da banca, naquele momento composta pela

professora Silvana Goellner e pelo professor Mauro Myskiw, que nos ajudaram a pensar e a trilhar caminhos para essa dissertação. Trazer o contexto histórico do PEI foi uma das questões trazidas, que foi pautado no artigo sobre a manutenção do PEI em seus 35 anos de vida. Outros debates vieram à tona, como por exemplo as relações e abordagens sobre gênero, onde trouxemos a partir do artigo que pauta a trajetória da Ex Educandas. Também, na tentativa de situar os locais de fala, dividimos suas trajetórias em dois artigos, uma para as Ex Educandas e o outro focado nas vivências das Ex Educadoras. Diante disso, no primeiro artigo, ao nos apropriarmos das abordagens científicas sobre o Futebol de Mulheres e Futebol Callejero, nos aproximamos e nos inserimos no debate acadêmico. No segundo estudo, a partir das contribuições sobre a trajetória do PEI, trouxemos para debate o diálogo sobre o contexto de projetos sociais esportivos e de lazer. No terceiro trabalho, o gênero é acionado pelas participantes (Ex Educandas), onde elas passam a questionar a generificação do futebol. E no quarto estudo, pautado pela fala das Ex Educadoras, veio à tona outras formas de se pensar a atuação na Educação Física, enquanto um espaço de formação acadêmica, junto à novas intervenções e possibilidades pedagógicas, bem como aos modos de ser professora/or.

De acordo com os resultados junto aos artigos e ao que o campo trouxe, o espaço do PEI junto ao Futebol Callejero, são fundamentais no processo de agência na trajetória das participantes dessa pesquisa, um despertar para o rompimento das estruturas dominantes da sociedade. Para tanto, o processo analítico nesse estudo que compreende a Sociologia Pragmática, onde a crítica é feita pelas participantes, nos ajudou a entender como elas agem/agiram nos momentos de crise, e realizam seus processos de justificação sobre suas pautas e desejos, não somente no PEI, mas também em suas vidas atuais. Entendemos que nesses momentos, os espaços de diálogo e escuta através do Futebol Callejero no Programa, oportunizam e dão voz, elucidando coisas que antes, talvez não tinham sido trazidas para as arenas de debate. ‘Levar a sério’ o que elas trouxeram, uma das características dessa sociologia, também nos auxiliou na compreensão diante de suas trajetórias no PEI e no Futebol Callejero. Pensar os momentos de crise não como algo ruim, mas ao contrário, enquanto oportunidades de desconstruções e construções de novas visões de mundo, de desestabilizar coisas tidas como já dadas nas vidas das participantes, entendemos que foi um dos grandes aprendizados nesse trabalho. Me referindo aos momentos de crise junto ao campo, me aporto também, para os momentos em que eu me vi desafiada a pensar, e literalmente montar um “quebra cabeça”, tentado encaixar as peças, pois muitas foram as

contribuições trazidas nas entrevistas junto a elas. Tudo isso me oportunizou uma série de aprendizados, e através de todos esses relatos, vivências e trajetórias, espero que possa despertar nas leitoras e nos leitores (cada um/a a sua forma) assim como em mim, os sentimentos sobre o que é e o que significa ser mulher e gostar de jogar futebol em nossa sociedade. Outra questão importante a dizer também, é sobre a relevância de pesquisas em que as pautas são trazidas pelas meninas/mulheres participantes de projetos sociais esportivos e de lazer, ou que estejam inseridas em contextos do esporte em outros âmbitos também, dar voz/escuta as suas lutas e debates, as suas histórias e contextos de vida, são extremamente importantes para outros modos de ver e se pensar o esporte valorizando as mulheres, uma prática social que seja pautada nas oportunidades e não nos preconceitos e desigualdades.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTMANN, H, *et al.* **Gênero e cultura corporal de movimento: práticas e percepções de meninas e meninos.** Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 26, 2018.

BARREIRA, J. *et al.* **Produção acadêmica em futebol e futsal feminino: estado da arte dos artigos científicos nacionais na área da educação física.** Movimento, Porto Alegre, v. 24, n. 2, 2018.

BARTHE, Yannick, *et al.* **Sociologia pragmática: guia do usuário.** Sociologias, Porto Alegre, ano 18, nº 41, jan/abr 2016, p. 84-129.

BAUER, Martin W., & GASKELL, George. **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som.** 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

BEIRITH, M. K., ARALDI, F. M., FOLLE, A. **Produção científica relacionada ao futebol de mulheres em teses e dissertações brasileiras na área da educação física.** Movimento, Porto Alegre, v. 27, 2021.

BELMONTE, Maurício Mendes. **FÚTBOL CALLEJERO: processos educativos decorrentes de uma motricidade emergente.** 2019. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2019.

BELMONTE, M. M., JUNIOR, L. G. **Futebol callejero: nascido e criado no Sul.** Revista Crítica de Ciências Sociais, n. 116, p. 155–178, 2018.

BIRAM, M. D. **As Sereias da Vila na terra do rei: uma etnografia de Santos FC Feminino.** Movimento, Porto Alegre, v.27, 2021.

BOLTANSKI, L. Sociologia crítica ou sociologia da crítica. In: F. Vandenberghe & J. Vérant (Eds.), **Além do habitus: Teoria social pós-bourdieuiana.** Rio de Janeiro: 7 Letras, p. 129–154, 2016.

BRITO, A. P. G.; OLIVEIRA, G. S.; SILVA, B. A.; **A importância da pesquisa bibliográfica no desenvolvimento de pesquisas qualitativas na área de educação.** Cadernos da Fucamp, v.20, n.44, p.1-15/2021.

BUTLER, Judith. **Desfazendo gênero.** São Paulo: Editora Unesp, 2022.

CALÒ, NASSI, L. **Teses e dissertações: prós e contras dos formatos tradicional e alternativo [online].** SciELO em Perspectiva, 2016 [viewed 17 October 2023]. Available from: <https://blog.scielo.org/blog/2016/08/24/teses-e-dissertacoes-pros-e-contras-dos-formatos-tradicional-e-alternativo/>

- CASTRO, Lígia Estronioli de. **A construção de valores orientada pela metodologia callejera na educação física escolar**. 2018. Dissertação (Docência para a Educação Básica) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Bauru, 2018.
- CORRÊA, D. S. **Novos Rumos da Teoria Social a partir de três gestos da sociologia pragmática**. Universidade de Vila Velha, Vila Velha, ES, 2020.
- CORRÊA, D. S.; DIAS, R. C. (2016). **Crítica e os momentos críticos: De la Justification e a guinada pragmática na sociologia**. MANA 22(1): 67-99.
- CYFER, Ingrid. **Afinal, o que é uma mulher? Simone de Beauvoir e "a questão do sujeito" na teoria crítica feminista**. *Lua Nova* [online]. 2015, n.94, pp.41-77.
- DESLANDES, S. F.; GOMES, R.; MINAYO, M. C. S (organizadora). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 26. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- DOCUMENTO DO PEI 2023.
- DORLIN, Elsa. **Séxo, género y sexualidades. Introducción a la teoría feminista**. 1º ed. Buenos Aires: Nova Visión, 2009.
- DOTTO, A. D. **ESPORTE SOCIAL, REDES SOCIAIS E PERMEABILIDADES: Uma análise do Movimento de Futebol Callejero a partir das teorias das Ações Coletivas**. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) - Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Rio Grande do Sul. 2019.
- FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre, RS: Bookman, 2004.
- FRANZINI, F. Futebol é “coisa para macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. **Revista Brasileira de História** – Vol. 25, n.50, p.315-328, 2005.
- GIMÉNEZ, L. (2003). Las políticas de juventud: Hacia unas políticas mancipadoras. In J. Benedicto, y M. L. Morán (Eds.). **Aprendiendo a ser ciudadanos: experienciassociales y construcción de laciudadanía entre losjóvenes** (p. 159-180). Madrid: MinisteriodelTrabajo y AsuntosSociales, Instituto de lajuventud – injuve.
- GOELLNER, S. V. **Mulheres e futebol no Brasil: descontinuidades, resistências e resiliências**. Movimento, Porto Alegre, v. 27, 2021.
- GOELLNER, S. V. **Mulheres e esporte: sobre conquistas e desafios**. Revista do Observatório Brasil da Igualdade de Gênero, Ano II, número 4, Brasília 2012.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade**. Cadernos de Formação RBCE, p. 71-83, 2010.

GOELLNER. S. V. **Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades**. Revista Brasileira de Educação Física e Esportes, São Paulo, v.19, n.2, p.143-51, abr./jun. 2005.

GRIFONI, Tiago. **Processos educativos emergentes de uma unidade didática com o Fútbol Callejero nas aulas de educação física**. 2020. Dissertação (Educação Física Escolar) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2020.

KOPANAKIS, A. R., SILVA, G. R. A., VAISBERG, T. M. J. A. **Impedimentos no país do futebol**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, (29) 3, 2021.

LOURO, Guacira Lopes. FELIPE, Jane. GOELLNER, Silvana Vilodre (organizadoras). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. ed. 9, Petrópolis/RJ: Vozes, 2013.

LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2º ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2000.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Guacira Lopes Louro - Petrópolis, RJ, Uma perspectiva pós-estruturalista: Vozes, 1997.

MARTINS, M. Z., SILVA, K. R. S., VASQUEZ, V. **As mulheres e o país do futebol: intersecções de gênero, classe e raça no Brasil**. Movimento, Porto Alegre, v. 27, 2021.

MCCANN, H.; RODRIGUES, A. **O livro do feminismo**. 1. Ed. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019.

MELLO, A. S. *et al.* **Representações sociais dos participantes de projeto esportivo de Vitória**. Movimento, porto Alegre, v. 24, n. 2, p. 399-412, 2018.

MEYER, Dagmar Estermann. **TEORIAS E POLÍTICAS DE GÊNERO: fragmentos históricos e desafios atuais**. Rev. Bras. Enferm, v. 57. N. 1, p. 13 – 8, 2004.

MOVIMIENTO FUTBOL CALLEJERO. Carta de Princípios. Argentina, 2015. On line. Disponível em: <<http://movimientodefutbolcallejero.org/movimiento/cartade-principios>> Acesso em 17 de maio de 2021.

NICHOLSON, Linda. **Interpretando o gênero**. Revista Estudos Feministas, v. 8, n. 2, p. 9 – 42, 2000.

NOVAIS, M. C. B. *et al.* **Treinadoras e auxiliares do futebol de mulheres no Brasil: subversão e resistência na liderança esportiva.** Movimento, Porto Alegre, v. 27, 2021.

ORIENTAÇÕES para procedimentos em pesquisas com qualquer etapa em ambiente virtual. Ministério da Saúde, Secretaria-Executiva do Conselho Nacional de Saúde Comissão Nacional de Ética em Pesquisa, Brasília, 24 de fevereiro de 2021.

PASSERO, J. G. *et al.* **Futebol de mulheres liderado por homens: uma análise longitudinal dos cargos de comissão técnica e arbitragem.** Movimento, Porto Alegre, v. 26, 2020.

PELLUSO, J; CECCHETTO, F; RIBEIRO, F. M. L, **Driblando a violência através do esporte: tensões na abordagem de gênero com jovens de um projeto social.** Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Brasília, N. 43, 2021.

RESOLUÇÃO: Nº 510, 07 de abril de 2016, Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais.

ROSSINI, L.; SERRANI, E.; WEIBEL, M.; WAINFELD, M. **Fútbol Callejero: Juventud, Liderazgo y Participación Trayectorias Juveniles em Organizaciones Sociales de América Latina.** FUDE (Fundacion Fútbol para El Desarrollo) 2012.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica.** Educação & Realidade, v. 20, n. 2, p. 71 – 99, jul/dez, 1995.

SILVA, E. L.; MENEZES, E. M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação.** 4. ed. rev. atual. Florianópolis, SC: UFSC, 2005.

SILVA GUTIERREZ, C. A.; DOTTO, A.; ALLET, A. **Futebol Callejero, juventude e cidadania.** Lúdica Pedagógica, Bogotá, V. 1, N. 23, p. 19-29, 2016.

SILVEIRA, R.; STIGGER, M. P.; MYSKIW, M. **Multiplicando as ciências: um estudo etnográfico sobre fazeres científicos da educação física.** Movimento, Porto Alegre, v. 25, 2019.

SILVEIRA, R.; PACHECO, A. C.; CANEVA, C. S.; MYSKIW, M. **Women's leading role in the political struggle for leisure: an ethnographic study in Porto Alegre, Brazil,** Leisure Studies, 42:3, 433-446, 2023, DOI: [10.1080/02614367.2022.2070922](https://doi.org/10.1080/02614367.2022.2070922)

SILVEIRA, R.; STIGGER, M. P. **Jogando com as feminilidades: um estudo etnográfico em um time de futsal feminino de Porto Alegre.** *Rev. Bras. Ciênc. Esporte* [online]. Florianópolis, vol.35, n.1, pp.179-194, 2013.

SOUZA, Marcel Bica de. **As percepções de educadores, educandos e seus familiares sobre a utilização do Futebol 3 Tempos em um projeto social esportivo de Porto**

Alegre/RS. 2020. Dissertação (Ciências do Movimento Humano) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2020.

SOUZA, D. O.; RIBEIRO, M. E. S. R. C. **Mulheres no mundo do futebol: representações.** Revista Brasileira de Futsal e Futebol, São Paulo, v. 10, n. 41, p. 763-773, 2018.

STIGGER, M. P.; SILVEIRA, R. **A prática da “bocha” na SOERAL: entre o jogo e o esporte.** Movimento, Porto Alegre, v.10, n.2, p.37-53, 2004.

STIGGER, M. P.; THOMASSIM, L. E. **Entre o “serve” e o “significa”: uma análise sobre expectativas atribuídas ao esporte em projetos sociais.** Licere, Belo Horizonte, v.16, n.2, jun/2013.

TAMASHIRO, L. I., GALATTI, L. R. **Preconceito no futsal e futebol feminino nas revistas brasileiras: uma revisão.** Revista Brasileira de Futsal e Futebol, São Paulo, v. 10, n. 41, p. 795 – 799, 2018.

Tendências pedagógicas e aproximação com o lazer: os 33 anos do Programa

Esporte Integral. 4º CONGRESSO BRASILEIRO DE ESTUDOS DO LAZER. 18º

SEMINÁRIO: O LAZER EM DEBATE, IV., 2021, P. 412, Porto Alegre. Anais.

VANDENBERGHE, F., VÉRAN, J. F.; **Além do habitus: teoria social pós-bourdieusiana.** 1. ed. - Rio de Janeiro: 7Letras, 2016. (Sociologia & antropologia)

VAROTTO, Nathan Raphael. **A prática social da mediação no Fútbol Callejero: processos educativos decorrentes.** 2020. Dissertação (Mestre em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2020.

VAROTTO, N. R., JUNIOR, O. M. S. **Fútbol callejero: um olhar para os processos educativos.** Fúlia/UFGM, v. 4, n. 2, p. 43-60, 2019.

VIEIRA, T. M.; JUSTO, J. S.; MANSANO, S. R. V. **Corpo e gênero na experiência inicial de jogadoras de futebol.** Revista Estudos Feministas, Florianópolis, 29(2), 2021.

ZALUAR, Alba. **Cidadãos não vão ao paraíso.** São Paulo: Escuta; Campinas: UNICAMP, 1994.

APÊNDICE A

Perguntas realizadas no grupo do *whatsapp*.

1. Como foi que conheceram o PEI? Em que ano iniciaram no projeto e quanto tempo permaneceram?
2. O que te fez continuar no PEI?
3. Para vocês o Futebol é...?
4. Qual é a opinião de vocês sobre a agressão física que a árbitra sofreu por um técnico no jogo de futebol da semana passada?
5. Nos conte como foi a primeira experiência com o Futebol Callejero. Como você se sentiu?
6. O que lembram que possa ter marcado vocês de alguma forma no início da prática do futebol no PEI?
7. Quais momentos ou situações que mais marcaram vocês nas atividades e nas vivências que tiveram com o Futebol Callejero? Nos conte um pouco sobre como foi.
8. Existiam alguns desafios durante a experiência de vocês com a prática do Futebol Callejero? Se sim, quais eram?
9. Você já vivenciou alguma situação de conflito durante as práticas do Futebol Callejero? Se sim, quais seriam esses conflitos?
10. Você vê alguma diferença entre a prática do futebol tradicional para a prática do Futebol Callejero? Nos conte como você sente e percebe essas práticas.
11. Compartilhe conosco alguma recordação da sua vivência no PEI com o Futebol. Pode ser uma foto, vídeo, ou relato caso não tenha algum registro. Vamos recordar e conversar sobre qual significado esse momento teve para você.

APÊNDICE B

1.ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

1.1 Dados Gerais:

- Idade:
- Onde trabalha?
- O que faz?
- Estuda?
- Onde?
- Com quem mora?
- Estado civil?

Sobre o lazer e organização do tempo

- O que faz no tempo de lazer?
- Com quem faz?
- Onde faz?
- Quando faz?

Sobre práticas corporais, esportes, etc...

- Que práticas corporais pratica?
- Com quem?
- Onde?
- Quando?
- Desde quando?
- Como começou?

1.2 SOBRE O PEI – PROGRAMA ESPORTE INTEGRAL

Sobre a participação no PEI – Programa Esporte Integral

- Quando iniciou no programa?
- Quanto tempo você participou?
- Por qual motivo parou de frequentar o PEI?
- Como ficou sabendo do PEI?
- Quais atividades você mais gostava de praticar no programa?
- E quais você não gostava?
- Qual seria o momento que mais te marcou durante a tua participação no PEI?

- Você considera que as atividades do PEI foram importantes para a tua vida? Se sim, quais, por quais motivos e o que agregou para você?

- Como era a tua relação com as participantes e os participantes do PEI?

- As atividades do programa te auxiliaram nas relações fora do PEI? Em ambientes como a escola, comunidade, família, etc... Se sim, de que forma? Em quais situações?

- Para você o PEI é? O que ele representa para você?

1.3 SOBRE O GRUPO PAPO DE GURIA

- Você participa do grupo desde quando?

- Como se dá ou se deu a sua participação no grupo? *Whatsapp*, encontros virtuais, debates, construção de materiais etc...

- Sobre o início desse grupo, você sabe, ou lembra porque ele foi criado? Conte-me como foi esse processo.

- Esse grupo é importante para você? Como você o vê? Conte-me sobre.

- Quais assuntos abordados que mais te chamaram atenção? Por que?

- Você tem algum momento marcante relacionado às atividades do Grupo Papo de Guria que gostaria de compartilhar?

- Você acredita que o grupo se manter ativo durante a pandemia foi importante? Por que?

- Você vê diferenças entre o formato do grupo antes da pandemia e durante a pandemia? Quais? Em relação às atividades propostas, ao formato, etc...

- Do que você mais gosta no grupo?

- Do que não gosta?

1.4 SOBRE A PRÁTICA DE FUTEBOL CALLEJERO

- Você já conhecia sobre a prática de Futebol Callejero antes de entrar no PEI?

- Você gosta dessa prática? Por que?

- O que você tem a dizer sobre o Futebol Callejero?

- Essa prática agregou algo para a sua vida? Se sim, o que seria?

- Qual seria o momento que mais te marcou nas práticas de Futebol Callejero?

- Chegaste a participar de algum evento de Futebol Callejero? Torneios, viagens, festivais, integrações, formações, etc... Se sim, quais? Conte-me como foi ou foram essas experiências para você?

1.5 SOBRE AS RELAÇÕES DE GÊNERO NO FUTEBOL CALLEJERO

A prática do futebol feminino em nosso país vem crescendo aos poucos, onde meninas e mulheres estão tendo mais visibilidade e acesso a essa modalidade esportiva. Tendo em vista a prática do Futebol Callejero sendo praticada de forma mista, onde meninos e meninas jogam juntos e juntas, fale-me um pouco sobre como você se percebe nesse espaço, onde a prática foi pensada para ser realizada de forma mista, porém com uma modalidade esportiva, construída historicamente para a prática de homens? Quais são seus maiores desafios relacionados ao fato de jogarem junto aos meninos? Você acredita que esse espaço é importante para a construção enquanto mulher nessa sociedade? Se sim, quais aspectos você vê como importantes nesse processo de construção? Acredita que as mediações, construções, resoluções de conflitos, espaços de diálogo e escuta que essa prática propicia, são importantes? Fale-me sobre. Você já sofreu algum preconceito por ser mulher e gostar de jogar futebol? Como a escola, família, amigos e amigas, comunidade, entre outros espaços que você frequenta, se posicionam a esse fato? Alguma situação constrangedora que tenha passado em relação a isso? A proposta é a gente conversar em como esse espaço se dá ou se constrói um ser mulher através dessa prática e o que isso significa para suas vidas. Em como você vivencia o Futebol Callejero e sua trajetória junto a esse espaço.

APÊNDICE C

ROTEIRO ENTREVISTA SOBRE O PEI – PRIMEIROS GESTORES

Bloco 1: Sobre o/a entrevistado/a

- 1- Nome completo?
- 2- Idade?
- 3- Formação?
- 4- Atuação profissional (trajetória ou atual)?

Bloco 2: Sobre o PEI

- 5- Quando e como surgiu a ideia de criar o PEI? Conte como foi o processo de início do projeto.
- 6- Você coordenava o projeto? Quanto tempo atuou no PEI?
- 7- Qual era o objetivo do projeto?
- 8- Como surgiu a ideia do nome do pei? Sabe nos informar porque o nome mudou, de “Projeto Escolinhas Integradas” para “Programa Esporte Integral”?
- 9- Qual era o público alvo? (idade, quantidade).
- 10- Tinham meninas nas atividades do PEI? Se sim, como elas se inseriam? Quais atividades participavam? Como era a participação delas no projeto? Existiam alguns desafios da participação das meninas nas atividades do PEI e nos esportes no geral? Quais estratégias?...enfim...
- 11- Quantas pessoas atendiam? (núcleos de atendimento, comunidades...).
- 12- Quais eram as atividades propostas?
- 13- Como era a equipe de trabalho? (quantidade, função, formação, estagiários, etc...)
- 14- Como o projeto se manteve financeiramente ao longo de sua trajetória no PEI? (parceiros, organização, estratégias, planejamento, etc...).
- 15- Você conhece ou acompanha as práticas e as atividades do PEI atualmente? Se sim, o que conhece? Comentar sobre...
- 16- Com o objetivo, de compreender a trajetória e participação das meninas no PEI e no Futebol Callejero, uma das práticas do projeto desde 2010 até os dias atuais, qual seria a sua visão a respeito da inclusão e participação das meninas em projetos sociais esportivos, em especial ao futebol? Você acredita ser importante? Quais desafios, estratégias? Etc...

- 17- Atualmente, as práticas do PEI são realizadas de forma mista, onde meninos e meninas realizam as atividades e jogam juntas e juntos. Como você vê essa forma de organização? Quais desafios desse formato? Como você vê as práticas esportivas mistas?
- 18- Qual momento mais te marcou em sua trajetória no PEI?
- 19- Estamos chegando ao fim da entrevista, tem alguma coisa que você queira falar, registrar sobre os temas que tratamos aqui? Ou algo que gostaria de acrescentar?

APÊNDICE D

ROTEIRO ENTREVISTA SOBRE O PEI – ATUAL GESTOR

Bloco 1: Sobre o entrevistado

- 20- Nome completo?
- 21- Idade?
- 22- Formação?
- 23- Atuação profissional (trajetória ou atual)?
- 24- Qual sua função no PEI?
- 25- Além do PEI, exerce alguma outra função?

Bloco 2: PEI

- 1- O que é o PEI?
- 2- O que significa o PEI?
- 3- Quando você ingressa no PEI?
- 4- O que você sabe sobre a história do PEI. Quando ele iniciou e por quem?
- 5- Quantas crianças/jovens fazem parte do PEI?
- 6- Qual a relação do PEI com a comunidade?
- 7- Quantos bairros/municípios o PEI atende?
- 8- Qual relação do PEI com a Unisinos, municípios, Estado e União?
- 9- Qual o papel social do PEI?
- 10- O PEI tem (teve) um papel importante no desenvolvimento pessoal dessas crianças/jovens?
- 11- Como é o funcionamento do PEI (financeiro, prático)?
- 12- Na sua trajetória no PEI, quais são os momentos que você destacaria, e quais são os momentos que não foram significativos?
- 13- O que você aprendeu estando no PEI? Quais mudanças você entende que deveriam acontecer no PEI para ele ser mais efetivo (colocaria de uma maneira diferente, perguntando se na visão do entrevistado, teriam algumas mudanças nas rotinas, organização, planejamento, atividades, entre outras, que ele vê como importantes para agregar ao PEI)?

Bloco 3: Futebol Callejero

- 14- Como e onde conheceu o Futebol Callejero?
- 15- Qual relação (afetiva ou profissional) com o Futebol Callejero?
- 16- Quais as suas experiências com o futebol callejero (eventos, campeonato, mundial)?

- 17- O que o futebol callejero significa?
- 18- Qual a relação das crianças/jovens com o Futebol Callejero?
- 19- O que diferencia (questão social, esportiva, afetiva) o Futebol Callejero com o futebol tradicional/hegemônico?
- 20- Acredita que o Futebol Callejero mudou a perspectiva de ver o esporte das crianças/jovens?
- 21- Você visualiza um futuro próspero para o Futebol Callejero?
- 22- Na sua trajetória no PEI antes do Futebol Callejero ser inserido nas atividades do programa, você sabe como era a participação das meninas em anos anteriores? Na trajetória e tempo de vida do PEI, até onde você sabe, como era a participação das meninas no programa?
- 23- Como você vê a participação das meninas, em uma prática que foi pensada para a inclusão delas, porém em um esporte no caso do futebol em nosso país, com uma cultura hegemonicamente masculina? Existem desafios? Conflitos? Quais estratégias?
- 24- O PEI enquanto um espaço de formação acadêmica, como você vê a inserção das/os estagiárias/os com a prática do Futebol Callejero? Na sua visão, existem desafios de desenvolver essa prática? Se sim, quais seriam? (desafios da prática em si e também das relações de gênero, quando entra uma mulher para trabalhar com futebol enquanto referência das atividades e dos grupos).
- 25- Estamos chegando ao fim da entrevista, tem alguma coisa que você gostaria de falar, registrar sobre os temas que tratamos aqui?